

Pedro António Janeiro

Arquitecturas - Imaginadas:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' n.º 0 *Textos Didácticos*

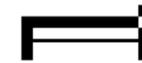
Desenho [...] Céu em Trapézios

Desenho [...] Céu em Trapézios

Pedro António Janeiro



Arquitecturas - Imaginadas:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' n.º 0
Textos Didácticos



Desenho [...] Céu em Trapézios

Pedro António Janeiro



Arquitecturas - Imaginadas:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' n.º 0
Textos Didácticos



Desenho [...] Céu em Trapézios

Pedro António Janeiro



Arquitecturas - Imaginadas:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' n.º 0
Textos Didácticos



© 2015, Pedro António Janeiro
pajaneiro@gmail.com

Título: *ARQUITECTURAS-IMAGINADAS:*
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' nº 0,
DESENHO (...) CÉU EM TRAPÉZIOS
(Textos Didácticos)

Coordenação Editorial: Projecto de Investigação
ARQUITECTURAS-IMAGINADAS: Representação Gráfica Arquitectónica e
'Outras-Imagens', CIAUD

Composição Gráfica: Ivo Covaneiro
Capa: desenho de Pedro António Janeiro, 2007
Impressão e Acabamento: Victor Martins
1ª Edição: Abril de 2015

ISBN: 978-989-20-4685-3



© 2015, Pedro António Janeiro
pajaneiro@gmail.com

Título: *ARQUITECTURAS-IMAGINADAS:*
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' nº 0,
DESENHO (...) CÉU EM TRAPÉZIOS
(Textos Didácticos)

Coordenação Editorial: Projecto de Investigação
ARQUITECTURAS-IMAGINADAS: Representação Gráfica Arquitectónica e
'Outras-Imagens', CIAUD

Composição Gráfica: Ivo Covaneiro
Capa: desenho de Pedro António Janeiro, 2007
Impressão e Acabamento: Victor Martins
1ª Edição: Abril de 2015

ISBN: 978-989-20-4685-3



Apresentações do Livro

ARQUITECTURAS-IMAGINADAS:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' nº 0,
DESENHO (...) CÉU EM TRAPÉZIOS
(Textos Didácticos)

Myrna de ARRUDA NASCIMENTO
Fernando Guillermo VÁZQUEZ RAMOS

Apresentações do Livro

ARQUITECTURAS-IMAGINADAS:
Representação Gráfica Arquitectónica e 'Outras-Imagens' nº 0,
DESENHO (...) CÉU EM TRAPÉZIOS
(Textos Didácticos)

Myrna de ARRUDA NASCIMENTO
Fernando Guillermo VÁZQUEZ RAMOS

Suspensão em Continuum: Do Gesto do Verso ao Canto Diverso

Myrna de Arruda NASCIMENTO,
Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

Resumo

Consagrada a urgência da arquitetura como aquela da poesia, atribuindo às reflexões sobre ambientes e espaços o papel de vértice dos encontros entre os que compartilham da experiência do lugar, Pedro António Janeiro lança *Desenho [...] Céu em Trapézios*, número zero de futuras publicações, pedra inaugural deste ciclo inexaurível de ensaios acadêmicos.

O artigo aqui apresentado, comenta e celebra a iniciativa inédita, transitando entre os planos traçados pelo autor e a melodia silenciosa de seus versos.

Suspensão em Continuum: Do Gesto do Verso ao Canto Diverso

Myrna de Arruda NASCIMENTO,
Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

Resumo

Consagrada a urgência da arquitetura como aquela da poesia, atribuindo às reflexões sobre ambientes e espaços o papel de vértice dos encontros entre os que compartilham da experiência do lugar, Pedro António Janeiro lança *Desenho [...] Céu em Trapézios*, número zero de futuras publicações, pedra inaugural deste ciclo inexaurível de ensaios acadêmicos.

O artigo aqui apresentado, comenta e celebra a iniciativa inédita, transitando entre os planos traçados pelo autor e a melodia silenciosa de seus versos.

Suspensão em Continuum: Do Gesto do Verso ao Canto Diverso

Um arquiteto que escreve poesias.

Um poeta que desenha arquiteturas.

Ou vice e versa; ou vide o verso, inverso.

Um e outro o mesmo, o duplo Pedro, o múltiplo Janas, plural em atuação e produção, criador e fazedor de desenhos: destinados a ensinar, capazes de inspirar, hábeis em provocar novos movimentos, aventurando-se a imaginar arquiteturas, tal qual seus poemas, caligrafados em azul celeste.

No princípio era o verso, a gênese da ação incisiva disposta a inaugurar as possibilidades que o ofício acadêmico perscrutava.

Na sequência, uma expressiva produção literária de cunho didático e reflexivo traduz o amadurecimento do tema de interesse, do foco desejado, diafragma calibrando o objeto sob a mira, que admira; sob o alvo da pontaria, lapidada com o tempo.

No fim, o início de um intento, futuro de um outro destino. A investigação sobre Representação e Arquitetura adota a poesia como pedra angular, e desdobra-se em contornos de distintos objetos de pesquisa, desenhando espacialidades, atmosferas, arquiteturas imaginadas, para além do que é possível grafar, correndo riscos e transpondo os limites entre a palavra e o espaço desejado.

*Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto o grande anjo cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.*

(“As Casas”, Sophia de Mello Breyner Andresen, *Dia do Mar*, p. 73)

Suspensão em Continuum: Do Gesto do Verso ao Canto Diverso

Um arquiteto que escreve poesias.

Um poeta que desenha arquiteturas.

Ou vice e versa; ou vide o verso, inverso.

Um e outro o mesmo, o duplo Pedro, o múltiplo Janas, plural em atuação e produção, criador e fazedor de desenhos: destinados a ensinar, capazes de inspirar, hábeis em provocar novos movimentos, aventurando-se a imaginar arquiteturas, tal qual seus poemas, caligrafados em azul celeste.

No princípio era o verso, a gênese da ação incisiva disposta a inaugurar as possibilidades que o ofício acadêmico perscrutava.

Na sequência, uma expressiva produção literária de cunho didático e reflexivo traduz o amadurecimento do tema de interesse, do foco desejado, diafragma calibrando o objeto sob a mira, que admira; sob o alvo da pontaria, lapidada com o tempo.

No fim, o início de um intento, futuro de um outro destino. A investigação sobre Representação e Arquitetura adota a poesia como pedra angular, e desdobra-se em contornos de distintos objetos de pesquisa, desenhando espacialidades, atmosferas, arquiteturas imaginadas, para além do que é possível grafar, correndo riscos e transpondo os limites entre a palavra e o espaço desejado.

*Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto o grande anjo cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.*

(“As Casas”, Sophia de Mello Breyner Andresen, *Dia do Mar*, p. 73)

PRIMEIRO ATO: Céu em Trapézios

Céu em trapézios é o poema inaugural ¹ da coletânea de textos, dividida em volumes (dos quais três já estão definidos), cuja finalidade é organizar a produção científica do grupo de pesquisa *ARQUITECTURAS IMAGINADAS: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA ARQUITECTÓNICA E OUTRAS-IMAGENS*, coordenado desde 2008 por Pedro António Janeiro e do qual participam investigadores internos da Universidade de Lisboa e investigadores externos convidados.

Denominado como “número zero”, os poemas de *DESENHO [...] CÊU EM TRAPÊZIOS* devem ser lidos como textos didáticos, semelhantes aos demais textos que compõem os três primeiros livros da Coleção: *número 1, DESENHO [...] LUGAR; número 2, DESENHO [...] CIDADE; número 3, DESENHO [...] CIDADE [...] EU*.

Os títulos de cada obra aludem à relação desenho X referência ao elemento espacial construído ou percebido. Ou melhor, evocam uma possibilidade de conceber a noção de espaço em dimensões e entendimentos variados como sítio, território ou ambiente (lugar, cidade, casa), que o ser humano, indubitavelmente, ocupa ou nos quais transita em situações, proporções e maneiras também distintas.

Entre o meio de representação escolhido como tema matriz da investigação, “Desenho” ², e o recorte ou noção de espacialidade com o qual este se relaciona, estabelece-se uma intermitência, suspensão do pensamento, pausa interrompendo a continuidade das abrangências que o tópico sugere, e vinculando-a a um ponto comum, vértice para onde afluem as atenções dos pesquisadores, espelhando o Desenho em reverberantes associações.

Refletir sobre o Desenho através do seu rebatimento em arquiteturas-imaginadas por um indivíduo ou vivenciadas através da sua experiência corpórea;

Refletir sobre o reflexo; refletir reflexões.

Em depoimentos sobre suas lembranças e memórias o mestre do desenho, Saul Steinberg (1914-1999), assume-se como um escritor que desenha e não escreve, revelando notável apreço pela imagem refletida, “*uma realidade de segundo grau, porque não é real, mas gerado pelo objeto real*” ³.

Recorrendo a um livro do poeta anglo-americano W. H. Auden (1907-1973), onde estão recolhidas várias citações selecionadas pelo autor (o que faz dele,

PRIMEIRO ATO: Céu em Trapézios

Céu em trapézios é o poema inaugural ¹ da coletânea de textos, dividida em volumes (dos quais três já estão definidos), cuja finalidade é organizar a produção científica do grupo de pesquisa *ARQUITECTURAS IMAGINADAS: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA ARQUITECTÓNICA E OUTRAS-IMAGENS*, coordenado desde 2008 por Pedro António Janeiro e do qual participam investigadores internos da Universidade de Lisboa e investigadores externos convidados.

Denominado como “número zero”, os poemas de *DESENHO [...] CÊU EM TRAPÊZIOS* devem ser lidos como textos didáticos, semelhantes aos demais textos que compõem os três primeiros livros da Coleção: *número 1, DESENHO [...] LUGAR; número 2, DESENHO [...] CIDADE; número 3, DESENHO [...] CIDADE [...] EU*.

Os títulos de cada obra aludem à relação desenho X referência ao elemento espacial construído ou percebido. Ou melhor, evocam uma possibilidade de conceber a noção de espaço em dimensões e entendimentos variados como sítio, território ou ambiente (lugar, cidade, casa), que o ser humano, indubitavelmente, ocupa ou nos quais transita em situações, proporções e maneiras também distintas.

Entre o meio de representação escolhido como tema matriz da investigação, “Desenho” ², e o recorte ou noção de espacialidade com o qual este se relaciona, estabelece-se uma intermitência, suspensão do pensamento, pausa interrompendo a continuidade das abrangências que o tópico sugere, e vinculando-a a um ponto comum, vértice para onde afluem as atenções dos pesquisadores, espelhando o Desenho em reverberantes associações.

Refletir sobre o Desenho através do seu rebatimento em arquiteturas-imaginadas por um indivíduo ou vivenciadas através da sua experiência corpórea;

Refletir sobre o reflexo; refletir reflexões.

Em depoimentos sobre suas lembranças e memórias o mestre do desenho, Saul Steinberg (1914-1999), assume-se como um escritor que desenha e não escreve, revelando notável apreço pela imagem refletida, “*uma realidade de segundo grau, porque não é real, mas gerado pelo objeto real*” ³.

Recorrendo a um livro do poeta anglo-americano W. H. Auden (1907-1973), onde estão recolhidas várias citações selecionadas pelo autor (o que faz dele,

segundo Steinberg, uma reprodução dessas mesmas citações), o desenhista destaca aquela atribuída ao matemático Pascal para quem a simetria do corpo humano, (e de todos seres vivos), externa, é horizontal, enquanto que na natureza “*cenário da vida, a natureza da terra e do céu*”, só existiria a simetria vertical “*gerada pela água, o espelho da natureza*”⁴.

*“Esses reflexos me encantam pela estranheza de sua existência (a estranheza é um traço dos milagres). Siniavski diz que os versos e as rimas são instrumentos muito apropriados para dizer estranhezas, por causa de sua própria estranheza. (...) A poesia, quando não se reveste da estranheza dos versos, parece presunçosa. Como certas danças que se deve dançar com máscara ou com fantasia”*⁵

Desenho como ação que desencadeia a fragmentação trapezoidal do céu, e a toma como diagrama para organizar versos em construção; Desenho como disciplina do arquiteto, espelhando na sua arquitetura a ubiquidade do empíreo que a reveste e acolhe.

Aqueles que leem os versos ou experimentam a obra de Pedro António Janeiro, diante do interlúdio estabelecido entre estes produtos em correspondência mútua, deleitam-se como Steinberg ao observar os reflexos de imagens e paisagens formadas na água, que pertencem a “*esse gênero de estranhezas poéticas*”⁶:

*“Na Romênia, nas noites de lua, as camponesas olhavam para o fundo dos poços até ver a lua. Então jogavam um balde no poço, lentamente puxavam a água com a lua dentro e bebiam o reflexo com uma colher.”*⁷

um SEGUNDO: o ATO seguinte

Há tempos a poesia de Janeiro desenha sua própria morada.

Hoje a casa está silenciosa como uma paisagem sem vento.

(...)

*Morde-me em dias assim uma espécie de despedida a saber a sangue, a água
ferrosa colhida a um poço profundo.*

*Morde-me incessantemente a própria carne não poder como ontem cheirar o
vosso cheiro à altura da nuca, tão entregues, tão eu-pequenino, todos futuro.
Crivam-me a pele, em feitiços de flores, todas as palavras que não soube dizer e
que a esta hora as paredes gritam.*

segundo Steinberg, uma reprodução dessas mesmas citações), o desenhista destaca aquela atribuída ao matemático Pascal para quem a simetria do corpo humano, (e de todos seres vivos), externa, é horizontal, enquanto que na natureza “*cenário da vida, a natureza da terra e do céu*”, só existiria a simetria vertical “*gerada pela água, o espelho da natureza*”⁴.

*“Esses reflexos me encantam pela estranheza de sua existência (a estranheza é um traço dos milagres). Siniavski diz que os versos e as rimas são instrumentos muito apropriados para dizer estranhezas, por causa de sua própria estranheza. (...) A poesia, quando não se reveste da estranheza dos versos, parece presunçosa. Como certas danças que se deve dançar com máscara ou com fantasia”*⁵

Desenho como ação que desencadeia a fragmentação trapezoidal do céu, e a toma como diagrama para organizar versos em construção; Desenho como disciplina do arquiteto, espelhando na sua arquitetura a ubiquidade do empíreo que a reveste e acolhe.

Aqueles que leem os versos ou experimentam a obra de Pedro António Janeiro, diante do interlúdio estabelecido entre estes produtos em correspondência mútua, deleitam-se como Steinberg ao observar os reflexos de imagens e paisagens formadas na água, que pertencem a “*esse gênero de estranhezas poéticas*”⁶:

*“Na Romênia, nas noites de lua, as camponesas olhavam para o fundo dos poços até ver a lua. Então jogavam um balde no poço, lentamente puxavam a água com a lua dentro e bebiam o reflexo com uma colher.”*⁷

um SEGUNDO: o ATO seguinte

Há tempos a poesia de Janeiro desenha sua própria morada.

Hoje a casa está silenciosa como uma paisagem sem vento.

(...)

*Morde-me em dias assim uma espécie de despedida a saber a sangue, a água
ferrosa colhida a um poço profundo.*

*Morde-me incessantemente a própria carne não poder como ontem cheirar o
vosso cheiro à altura da nuca, tão entregues, tão eu-pequenino, todos futuro.
Crivam-me a pele, em feitiços de flores, todas as palavras que não soube dizer e
que a esta hora as paredes gritam.*

Aqui (,): os vossos lençóis são casulo de crisálida; os jarros, fontes em Roma num dia de Verão entre palácios armoados; a sala é feita de areia e a vela que acendemos para jantar é o mar.

Vôa, vò: meu, um por um, meu-filho.

Porque aqui (,): há asas; há água, há dunas e mil oceanos onde os teus olhos podem descansar.

(...)

A nossa casa: ainda que hoje vazia, está todos os dias pronta.

(JANEIRO, 2014) ⁸

A casa vivida, a casa sonhada, imaginada e desejada, habita fugaz e frequentemente frases salpicadas pelo poeta no interior de suas outras obras publicadas, como no verso do poema, “*ponto de partida*” (JANEIRO, 2011):

“[...] Sob quantas luas posso sentir, à noite, estas fachadas?

Se em tons de prata ou noutros...como se me manifestam as coisas que digo serem coisas para mim?

Vagueio, neste mundo, entre paredes de casas.

Habito quando me-habito[...]” ⁹

Em “*Desenhos a éter*” (JANEIRO, 2011), a sensação de espaço é marca deixada no lugar, vincada em vias, cortada na veia:

“Desenha-me a linha esta casa à flor da pele.

Diz-me em fuga, enquanto a perspectiva dobra para fazer a rua:

Que desce para ir ver o rio pelo avesso,

Que me empresta o som dos teus passos.

(...)

Faz do continuo do céu um entre veias

À face da minha carne.

Entrega-me a sépia ao suplício da trama.

Com a ponta do buril, diz-me como dizes esta rua.” ¹⁰

“*Azul em coma*” (JANEIRO, 2009) arquiteta um corpo camuflado no enredo da cidade esquecida em memórias:

Aqui (,): os vossos lençóis são casulo de crisálida; os jarros, fontes em Roma num dia de Verão entre palácios armoados; a sala é feita de areia e a vela que acendemos para jantar é o mar.

Vôa, vò: meu, um por um, meu-filho.

Porque aqui (,): há asas; há água, há dunas e mil oceanos onde os teus olhos podem descansar.

(...)

A nossa casa: ainda que hoje vazia, está todos os dias pronta.

(JANEIRO, 2014) ⁸

A casa vivida, a casa sonhada, imaginada e desejada, habita fugaz e frequentemente frases salpicadas pelo poeta no interior de suas outras obras publicadas, como no verso do poema, “*ponto de partida*” (JANEIRO, 2011):

“[...] Sob quantas luas posso sentir, à noite, estas fachadas?

Se em tons de prata ou noutros...como se me manifestam as coisas que digo serem coisas para mim?

Vagueio, neste mundo, entre paredes de casas.

Habito quando me-habito[...]” ⁹

Em “*Desenhos a éter*” (JANEIRO, 2011), a sensação de espaço é marca deixada no lugar, vincada em vias, cortada na veia:

“Desenha-me a linha esta casa à flor da pele.

Diz-me em fuga, enquanto a perspectiva dobra para fazer a rua:

Que desce para ir ver o rio pelo avesso,

Que me empresta o som dos teus passos.

(...)

Faz do continuo do céu um entre veias

À face da minha carne.

Entrega-me a sépia ao suplício da trama.

Com a ponta do buril, diz-me como dizes esta rua.” ¹⁰

“*Azul em coma*” (JANEIRO, 2009) arquiteta um corpo camuflado no enredo da cidade esquecida em memórias:

“Procura-me entre as ruas de um mapa antigo,

Para-lá daquilo que sendo opaco

Me revela de um todo.

Uma memória do território;

Num como entre as palavras

Se encenam as coisas”¹¹

As linhas estendidas pelo autor a grafite ou armadas em concreto enredam uma urdidura particular, sustentando o raciocínio da imagem poética, e amparando o esqueleto da construção familiar evanescente.

*“Os ramos da árvore se confundem-se(-me) uns nos outros como os fios de seda das teias; como as linhas de um mapa antigo de um país longínquo onde se fala uma língua estranha; como os fios enrolados pela mariposa (bombyx mon) num casulo de seda; como a meada de lã de que é preciso achar a ponta para construir o novelo; como o ninho abandonado por admirados admiráveis pássaros de todas as cores do mundo, sem terra sem nada, contudo, de extremo a extremo azuis; como as linhas que configuram a minha impressão digital e que, em certos ambientes, contribuem para a construção da minha identidade; como a estrutura venosa de um organismo vivo que pulsa; como as estruturas que escoram os edifícios em situações de ruína eminente”.*¹²

Em textos recentes, o poeta toma a linha como o fito do lápis, capaz de designar no espaço, o lugar do corpo; e no corpo, a razão do mundo.

*“A função do lápis é, enquanto o uso, largar uma linha. O cilindro de grafite que habita no escuro do meu lápis de cedro, em molécula, é um diamante (um carbono em seu estado mais puro); a sua função é, através de mim, do meu corpo, achar o brilho que escorre pelos contornos das coisas que compõem aquilo-a-que-chamo mundo[...].”*¹³

Entre linhas e fronteiras, que identificam e discriminam o corpo do resto, o intervalo, ocupado e estabelecido como condição para relacionar o corpo e o que é e está fora dele: o próximo, o seguinte, aquilo ou aquele percebido além do imediato alcance.

“Sei que há uma distância que me separa das coisas-de todas as coisas que eu sei que não são o meu corpo-, uma espécie de precipício, mas, assim mesmo, anulo-o sempre que levo à consciência justamente essa contingência de, em molécula,

“Procura-me entre as ruas de um mapa antigo,

Para-lá daquilo que sendo opaco

Me revela de um todo.

Uma memória do território;

Num como entre as palavras

Se encenam as coisas”¹¹

As linhas estendidas pelo autor a grafite ou armadas em concreto enredam uma urdidura particular, sustentando o raciocínio da imagem poética, e amparando o esqueleto da construção familiar evanescente.

*“Os ramos da árvore se confundem-se(-me) uns nos outros como os fios de seda das teias; como as linhas de um mapa antigo de um país longínquo onde se fala uma língua estranha; como os fios enrolados pela mariposa (bombyx mon) num casulo de seda; como a meada de lã de que é preciso achar a ponta para construir o novelo; como o ninho abandonado por admirados admiráveis pássaros de todas as cores do mundo, sem terra sem nada, contudo, de extremo a extremo azuis; como as linhas que configuram a minha impressão digital e que, em certos ambientes, contribuem para a construção da minha identidade; como a estrutura venosa de um organismo vivo que pulsa; como as estruturas que escoram os edifícios em situações de ruína eminente”.*¹²

Em textos recentes, o poeta toma a linha como o fito do lápis, capaz de designar no espaço, o lugar do corpo; e no corpo, a razão do mundo.

*“A função do lápis é, enquanto o uso, largar uma linha. O cilindro de grafite que habita no escuro do meu lápis de cedro, em molécula, é um diamante (um carbono em seu estado mais puro); a sua função é, através de mim, do meu corpo, achar o brilho que escorre pelos contornos das coisas que compõem aquilo-a-que-chamo mundo[...].”*¹³

Entre linhas e fronteiras, que identificam e discriminam o corpo do resto, o intervalo, ocupado e estabelecido como condição para relacionar o corpo e o que é e está fora dele: o próximo, o seguinte, aquilo ou aquele percebido além do imediato alcance.

“Sei que há uma distância que me separa das coisas-de todas as coisas que eu sei que não são o meu corpo-, uma espécie de precipício, mas, assim mesmo, anulo-o sempre que levo à consciência justamente essa contingência de, em molécula,

eu-ser-eu e as coisas-as-coisas e de, portanto, eu me encontrar sempre em-mim-entre-elas. Procurar-me e encontrar-me “entre” é, só por isso, arquitetura: naturalmente arquitetura.” (JANEIRO, 2013) ¹⁴

ÚLTIMO ATO: o gesto sustentado

Consagrada a urgência da arquitetura como aquela da poesia, reconhecendo nas casas, ruas e cidades o lugar de encontro com o outro, consigo mesmo e com os demais que compartilham com ele a experiência do lugar, Pedro António Janeiro desenha no ar a trama consagrada como pedra inaugural de um ciclo fecundo.

O gesto sustado, alteração ascendente, busca um outro tom, um a mais, um entre tantos “*entre*”, na coleção inaugurada do “Desenho” em relação com o sítio, a cidade, a casa...Contido entre colchetes, o hiato une pontos que orbitam a *arquitetura imaginada* sob contínua investigação, e convida-nos a alçar outros horizontes.

Esquadrinhando o céu em trapézio, o poeta suspende na atmosfera uma rede sutil, marcando com linhas os lugares e os desvios de futuros eventos corporais; atos em amarras, espacializações, experiências urbanas de caráter público, íntimo ou imaginário, dispostas em movimentos estudados enquanto desenhos.

Grid, teia, malha tecida para organizar a construção coletiva da sinfonia prometida; domo projetado no emaranhado de fios, cogitando uma próxima arquitetura: *Céu em Trapézios* estrutura-se como campo aberto, rota difusa, recurso análogo e afinado no mesmo tom da métrica livre que orquestra versos burilados.

“Raízes, aéreas, país do meu sonho” ¹⁵

Herman Hertzberger (1999), em suas lições para jovens arquitetos, apresenta-nos com entusiasmo os vãos assimétricos inseridos na cobertura de seus edifícios:

“O fato de o ângulo de visão se expandir com a abertura de um canto é uma nítida vantagem, mas não é a única. Afinal, vãos acrescentados ou se projetando a partir da fachada permitem que fiquemos do lado de fora, por assim dizer, tenhamos uma visão da rua. Mas, quando esse canto aberto não é um acréscimo, quando o que se abriu foi o próprio canto do edifício, o edifício parece mais leve, menos maciço, justamente nos pontos em que se poderia esperar força. Esta

eu-ser-eu e as coisas-as-coisas e de, portanto, eu me encontrar sempre em-mim-entre-elas. Procurar-me e encontrar-me “entre” é, só por isso, arquitetura: naturalmente arquitetura.” (JANEIRO, 2013) ¹⁴

ÚLTIMO ATO: o gesto sustentado

Consagrada a urgência da arquitetura como aquela da poesia, reconhecendo nas casas, ruas e cidades o lugar de encontro com o outro, consigo mesmo e com os demais que compartilham com ele a experiência do lugar, Pedro António Janeiro desenha no ar a trama consagrada como pedra inaugural de um ciclo fecundo.

O gesto sustado, alteração ascendente, busca um outro tom, um a mais, um entre tantos “*entre*”, na coleção inaugurada do “Desenho” em relação com o sítio, a cidade, a casa...Contido entre colchetes, o hiato une pontos que orbitam a *arquitetura imaginada* sob contínua investigação, e convida-nos a alçar outros horizontes.

Esquadrinhando o céu em trapézio, o poeta suspende na atmosfera uma rede sutil, marcando com linhas os lugares e os desvios de futuros eventos corporais; atos em amarras, espacializações, experiências urbanas de caráter público, íntimo ou imaginário, dispostas em movimentos estudados enquanto desenhos.

Grid, teia, malha tecida para organizar a construção coletiva da sinfonia prometida; domo projetado no emaranhado de fios, cogitando uma próxima arquitetura: *Céu em Trapézios* estrutura-se como campo aberto, rota difusa, recurso análogo e afinado no mesmo tom da métrica livre que orquestra versos burilados.

“Raízes, aéreas, país do meu sonho” ¹⁵

Herman Hertzberger (1999), em suas lições para jovens arquitetos, apresenta-nos com entusiasmo os vãos assimétricos inseridos na cobertura de seus edifícios:

“O fato de o ângulo de visão se expandir com a abertura de um canto é uma nítida vantagem, mas não é a única. Afinal, vãos acrescentados ou se projetando a partir da fachada permitem que fiquemos do lado de fora, por assim dizer, tenhamos uma visão da rua. Mas, quando esse canto aberto não é um acréscimo, quando o que se abriu foi o próprio canto do edifício, o edifício parece mais leve, menos maciço, justamente nos pontos em que se poderia esperar força. Esta

mudança no equilíbrio resulta de um deslocamento de ênfase, e torna o ritmo da abertura no começo e no fim, como um tempo fraco em muitas composições musicais.” (HERTZBERGER, 1999, p.122)

Curiosamente, em música, as notas mi e si não contém sustenidos. Denominações do léxico também adotadas como referência a letras do alfabeto¹⁶, embora estas minúsculas palavras acentuem a forma oblíqua dos pronomes retos que complementam, em contexto singular ¹⁷, por outro lado acenam para a possibilidade de superar sua condição pessoal no cenário de nosso interesse.

Desenho em trapézios não se destina apenas ao seu criador, (*para mim mesmo=mi*), nem para um único e conhecido signatário (*para ele mesmo=si*).

Se o efeito suspenso, qual instrumento perfuro cortante, transtorna a aresta característica das coberturas expandidas do arquiteto holandês, as frestas deflagradas em orifícios geométricos reverberam em ecos na partitura trapezoidal celeste, escolhida por Pedro António Janeiro para identificar um som diverso em vários cantos.

Na regência dos voos tenazes, ensaiados como coreografias apoiadas em trapézios volantes, o autor compõe, enfim, este número de abertura:

Bem-vinda seja esta coleção!

mudança no equilíbrio resulta de um deslocamento de ênfase, e torna o ritmo da abertura no começo e no fim, como um tempo fraco em muitas composições musicais.” (HERTZBERGER, 1999, p.122)

Curiosamente, em música, as notas mi e si não contém sustenidos. Denominações do léxico também adotadas como referência a letras do alfabeto¹⁶, embora estas minúsculas palavras acentuem a forma oblíqua dos pronomes retos que complementam, em contexto singular ¹⁷, por outro lado acenam para a possibilidade de superar sua condição pessoal no cenário de nosso interesse.

Desenho em trapézios não se destina apenas ao seu criador, (*para mim mesmo=mi*), nem para um único e conhecido signatário (*para ele mesmo=si*).

Se o efeito suspenso, qual instrumento perfuro cortante, transtorna a aresta característica das coberturas expandidas do arquiteto holandês, as frestas deflagradas em orifícios geométricos reverberam em ecos na partitura trapezoidal celeste, escolhida por Pedro António Janeiro para identificar um som diverso em vários cantos.

Na regência dos voos tenazes, ensaiados como coreografias apoiadas em trapézios volantes, o autor compõe, enfim, este número de abertura:

Bem-vinda seja esta coleção!

Notas

1. O sexto do conjunto de poemas reunidos neste livro.
2. Certamente DESENHO aqui adotado como denominação de processos distintos de visualização de imagens que incluem outras técnicas, materiais e procedimentos, além dos comumente mencionados na execução de representações gráficas tradicionais.
3. Saul STEINBERG. *Reflexos e Sombras*. Com a colaboração de Aldo Buzzi. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011, p. 142
4. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 140
5. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 148
6. Saul STEINBERG *op. cit*, p.151
7. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 154
8. Poema inédito, escrito pelo poeta-arquiteto e conhecido pela autora deste texto às vésperas da conclusão deste texto. A exigência da citação em texto segundo o modelo tradicionalmente utilizado na produção científica, neste caso, cede lugar a este evento coincidente e atribuído ao acaso. Assim como o fazem os cientistas, diante de uma ocorrência desta natureza, também consideramos que tais coincidências não devam ser desconsideradas; pelo contrário, julgamo-las merecedoras de toda atenção. Portanto, mencionamos aqui os versos inéditos, mesmo ainda carentes de morada definitiva em obra publicada, portanto ausentes de referência bibliográfica.
9. JANEIRO, P. *Arquitecturas-ficcionadas: O Desenho*. Lisboa: Chiado, 2011, p. 49
10. Pedro JANEIRO, *Desenhos a Êter*. Lisboa: Chiado Editora, 2011, p.92
11. Pedro JANEIRO, *P. Azul em Coma*, Lisboa: Chiado, 2009, p 88
12. Pedro JANEIRO. *A Imagem por-escrita: Desenho e Comunicação Visual: entre a Arquitetura e a Fenomenologia. Estéticas e representações obsessivas*. São Paulo: FAUUSP, 2012, p. 169
13. Pedro JANEIRO “O “Face-a-face” e o tempo do acontecer: o Visível e o Invisível do Desenho”. IN: *O Papel do Desenho*, Casal de Cambra, 2013, p. 43
14. Pedro JANEIRO. “Sobre o “Entre” das arquiteturas e dos desenhos “Sul “Fra” dele architetture e dei disegni. Geraci Siculo, Edizioni Arianna, 2013, p.12
15. Verso do poema “Céu em Trapézios”, 6º verso deste livro de poemas.
16. Mi designa a décima segunda letra do alfabeto grego; Si, acrescentada posteriormente como nota musical à escala de dó, é constituída pelas letras iniciais S(ante) I(oannes) do fecho do hino medieval dedicado a São João Batista. Segundo HOUAISS (2001), p. 2565): “os nomes das notas musicais foram criados pelo italiano Guido d’Arezzo (falecido em 1050) com o 1º segmento de cada um dos seis versos da 1ª estrofe deste hino do sVIII: “ut queant laxis (depois dó)/ Resonare fibris/ Mira gestorum/ Famuli tuorum/ Solvepolluti/ e Labiireatum/ Sancte Ioannes.
17. Mi equivaleria a me ou mê na forma antiga do pronome, e si ao próprio pronome oblíquo si.

Notas

1. O sexto do conjunto de poemas reunidos neste livro.
2. Certamente DESENHO aqui adotado como denominação de processos distintos de visualização de imagens que incluem outras técnicas, materiais e procedimentos, além dos comumente mencionados na execução de representações gráficas tradicionais.
3. Saul STEINBERG. *Reflexos e Sombras*. Com a colaboração de Aldo Buzzi. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011, p. 142
4. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 140
5. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 148
6. Saul STEINBERG *op. cit*, p.151
7. Saul STEINBERG *op. cit*, p. 154
8. Poema inédito, escrito pelo poeta-arquiteto e conhecido pela autora deste texto às vésperas da conclusão deste texto. A exigência da citação em texto segundo o modelo tradicionalmente utilizado na produção científica, neste caso, cede lugar a este evento coincidente e atribuído ao acaso. Assim como o fazem os cientistas, diante de uma ocorrência desta natureza, também consideramos que tais coincidências não devam ser desconsideradas; pelo contrário, julgamo-las merecedoras de toda atenção. Portanto, mencionamos aqui os versos inéditos, mesmo ainda carentes de morada definitiva em obra publicada, portanto ausentes de referência bibliográfica.
9. JANEIRO, P. *Arquitecturas-ficcionadas: O Desenho*. Lisboa: Chiado, 2011, p. 49
10. Pedro JANEIRO, *Desenhos a Êter*. Lisboa: Chiado Editora, 2011, p.92
11. Pedro JANEIRO, *P. Azul em Coma*, Lisboa: Chiado, 2009, p 88
12. Pedro JANEIRO. *A Imagem por-escrita: Desenho e Comunicação Visual: entre a Arquitetura e a Fenomenologia. Estéticas e representações obsessivas*. São Paulo: FAUUSP, 2012, p. 169
13. Pedro JANEIRO “O “Face-a-face” e o tempo do acontecer: o Visível e o Invisível do Desenho”. IN: *O Papel do Desenho*, Casal de Cambra, 2013, p. 43
14. Pedro JANEIRO. “Sobre o “Entre” das arquiteturas e dos desenhos “Sul “Fra” dele architetture e dei disegni. Geraci Siculo, Edizioni Arianna, 2013, p.12
15. Verso do poema “Céu em Trapézios”, 6º verso deste livro de poemas.
16. Mi designa a décima segunda letra do alfabeto grego; Si, acrescentada posteriormente como nota musical à escala de dó, é constituída pelas letras iniciais S(ante) I(oannes) do fecho do hino medieval dedicado a São João Batista. Segundo HOUAISS (2001), p. 2565): “os nomes das notas musicais foram criados pelo italiano Guido d’Arezzo (falecido em 1050) com o 1º segmento de cada um dos seis versos da 1ª estrofe deste hino do sVIII: “ut queant laxis (depois dó)/ Resonare fibris/ Mira gestorum/ Famuli tuorum/ Solvepolluti/ e Labiireatum/ Sancte Ioannes.
17. Mi equivaleria a me ou mê na forma antiga do pronome, e si ao próprio pronome oblíquo si.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, “As Casas” In: *Dia do Mar, Lisboa, data*, p. 73
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. Martins Fontes, São Paulo, 1999, p. 122
- HOUAISS, António e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto António Houaiss, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- JANEIRO, Pedro António. *Sul “fra”. Delle architetture e dei didegni*. Rende: Arianna, 2013.
- JANEIRO, Pedro António. “O “Face-a-face” e o tempo do acontecer: o Visível e o Invisível do Desenho”. IN: *O Papel do Desenho*, Casal de Cambra, 2013, p. 43
- JANEIRO, Pedro António *Desenhos a Éter*, Chiado Editora, Lisboa, 2011
- JANEIRO, Pedro António. *Azul em Coma*, Chiado, Lisboa, 2009
- JANEIRO, Pedro António. *A Imagem por-escrita: Desenho e Comunicação Visual: entre a Arquitetura e a Fenomenologia. Estéticas e representações obsessivas*. FAUUSP, São Paulo, 2012, p169
- STEINBERG, Saul (com a colaboração de Aldo Buzzi). Tradução de Samuel Titan Jr. *Reflexos e Sombras*. Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2011.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, “As Casas” In: *Dia do Mar, Lisboa, data*, p. 73
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. Martins Fontes, São Paulo, 1999, p. 122
- HOUAISS, António e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto António Houaiss, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- JANEIRO, Pedro António. *Sul “fra”. Delle architetture e dei didegni*. Rende: Arianna, 2013.
- JANEIRO, Pedro António. “O “Face-a-face” e o tempo do acontecer: o Visível e o Invisível do Desenho”. IN: *O Papel do Desenho*, Casal de Cambra, 2013, p. 43
- JANEIRO, Pedro António *Desenhos a Éter*, Chiado Editora, Lisboa, 2011
- JANEIRO, Pedro António. *Azul em Coma*, Chiado, Lisboa, 2009
- JANEIRO, Pedro António. *A Imagem por-escrita: Desenho e Comunicação Visual: entre a Arquitetura e a Fenomenologia. Estéticas e representações obsessivas*. FAUUSP, São Paulo, 2012, p169
- STEINBERG, Saul (com a colaboração de Aldo Buzzi). Tradução de Samuel Titan Jr. *Reflexos e Sombras*. Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2011.

**Poesia e arquitetura:
afinidade, conformidade e circunstância**

Fernando Guillermo VÁZQUEZ RAMOS,
Doutor, Universidade São Judas Tadeu,
São Paulo, Brasil.

Resumo

Ainda que com uma curta história, as aproximações entre Poesia e Arquitetura abrem um campo de reflexão sobre as formas de relacionar artes tão diferentes e, ao mesmo tempo, propositalmente afins. Justamente nessa afinidade é que se desenvolve este artigo – de fato uma introdução aos instigantes poemas de Pedro Antônio Janeiro. Pretende, primeiro, estabelecer o texto o lugar dessa afinidade e, depois, definir os contatos em conformidade com os quais é possível entender uma circunstância específica: a do habitar, que liga o interior significativo de cada uma dessas artes afins, para a incidência profunda de uma na outra.

**Poesia e arquitetura:
afinidade, conformidade e circunstância**

Fernando Guillermo VÁZQUEZ RAMOS,
Doutor, Universidade São Judas Tadeu,
São Paulo, Brasil.

Resumo

Ainda que com uma curta história, as aproximações entre Poesia e Arquitetura abrem um campo de reflexão sobre as formas de relacionar artes tão diferentes e, ao mesmo tempo, propositalmente afins. Justamente nessa afinidade é que se desenvolve este artigo – de fato uma introdução aos instigantes poemas de Pedro Antônio Janeiro. Pretende, primeiro, estabelecer o texto o lugar dessa afinidade e, depois, definir os contatos em conformidade com os quais é possível entender uma circunstância específica: a do habitar, que liga o interior significativo de cada uma dessas artes afins, para a incidência profunda de uma na outra.

Poesia e arquitetura: afinidade, conformidade e circunstância

Fala-se muito em poesia e arquitetura como se se pudesse perceber alguma relação entre elas, mas essas duas artes nada têm em comum. Uma é arte da palavra e a outra, ou é arte da matéria (da construção), ou é arte da imagem (icônica). Uma é linguagem, outra não, ainda que, pela analogia, se tenda a pensar que ambas o são. Mas, posto que delas se fala sempre como se fosse possível estabelecer algum parentesco, é igualmente possível que tenham algum tipo de semelhança.

Não a semelhança evidente ou indiscutível – a adjetivação, por exemplo –, já que existem poemas [bem] arquitetados e arquiteturas poéticas em que a adjetivação, sempre positiva, é admissível, pois o adjetivo empresta uma característica, que lhe é própria, ao substantivo que acompanha. Não dizemos que há poemas poéticos ou arquiteturas arquitetáveis, mas, mesmo para designar poemas ou arquiteturas que são hiperbolicamente Poema ou Arquitetura e apesar da conotação positiva, seria sempre um pleonismo ou mera retórica.

Contudo, não pensamos que a adjetivação é vã. Autores como Oriol Bohigas¹ nos chamaram atenção muitos anos atrás sobre esse tópico, embora tenha sido por seu viés supostamente negativo. Adjetivar é uma forma de dar caráter e circunstância às coisas que estão no mundo – que não são lineares ou achatadas graças a nossa capacidade de adjetivá-las. Obviamente, a adjetivação excessiva também tem seus problemas, mas talvez o mundo seja mais interessante pelo excesso do que seria pela falta.

É por esse sentido elevado que os adjetivos *poético* e *arquitetônico* impõem a seus substantivos que devemos entender que as características mais essenciais de cada um se transmitem ao objeto adjetivado. O “poético” da arquitetura é, portanto, um dos caminhos de acesso à poesia, ao mesmo tempo em que define um diferencial da própria arquitetura: sua capacidade de usar e fazer da fantasia sua ferramenta mais potente.

A arquitetura que se diz poética não é funcional, utilitária ou evidente. Pretende, como diria Aristóteles, contar não o que acontece mas poderia ter acontecido – o verossímil, e não o verdadeiro. Induz a pensar em possibilidades e propõe polivalências não só simbólicas, mas também de uso, abrindo o campo imaginável do habitar. Por outro lado, o poema que tem uma arquitetura sólida e bem estruturada (não só no aspecto métrico e rítmico,

Poesia e arquitetura: afinidade, conformidade e circunstância

Fala-se muito em poesia e arquitetura como se se pudesse perceber alguma relação entre elas, mas essas duas artes nada têm em comum. Uma é arte da palavra e a outra, ou é arte da matéria (da construção), ou é arte da imagem (icônica). Uma é linguagem, outra não, ainda que, pela analogia, se tenda a pensar que ambas o são. Mas, posto que delas se fala sempre como se fosse possível estabelecer algum parentesco, é igualmente possível que tenham algum tipo de semelhança.

Não a semelhança evidente ou indiscutível – a adjetivação, por exemplo –, já que existem poemas [bem] arquitetados e arquiteturas poéticas em que a adjetivação, sempre positiva, é admissível, pois o adjetivo empresta uma característica, que lhe é própria, ao substantivo que acompanha. Não dizemos que há poemas poéticos ou arquiteturas arquitetáveis, mas, mesmo para designar poemas ou arquiteturas que são hiperbolicamente Poema ou Arquitetura e apesar da conotação positiva, seria sempre um pleonismo ou mera retórica.

Contudo, não pensamos que a adjetivação é vã. Autores como Oriol Bohigas¹ nos chamaram atenção muitos anos atrás sobre esse tópico, embora tenha sido por seu viés supostamente negativo. Adjetivar é uma forma de dar caráter e circunstância às coisas que estão no mundo – que não são lineares ou achatadas graças a nossa capacidade de adjetivá-las. Obviamente, a adjetivação excessiva também tem seus problemas, mas talvez o mundo seja mais interessante pelo excesso do que seria pela falta.

É por esse sentido elevado que os adjetivos *poético* e *arquitetônico* impõem a seus substantivos que devemos entender que as características mais essenciais de cada um se transmitem ao objeto adjetivado. O “poético” da arquitetura é, portanto, um dos caminhos de acesso à poesia, ao mesmo tempo em que define um diferencial da própria arquitetura: sua capacidade de usar e fazer da fantasia sua ferramenta mais potente.

A arquitetura que se diz poética não é funcional, utilitária ou evidente. Pretende, como diria Aristóteles, contar não o que acontece mas poderia ter acontecido – o verossímil, e não o verdadeiro. Induz a pensar em possibilidades e propõe polivalências não só simbólicas, mas também de uso, abrindo o campo imaginável do habitar. Por outro lado, o poema que tem uma arquitetura sólida e bem estruturada (não só no aspecto métrico e rítmico,

mas também no narrativo ou sensível) se aproxima do que entendemos por boa poesia. Sem mencionar o número de poetas que se têm inspirado na arquitetura para conceber suas obras e vice-versa. Assim, ambos os adjetivos são tais que elogiam e enaltecem os respectivos substantivos.

A arquitetura tem uma relação antiga com as letras. Vitruvius afirmou:

Convém que o arquiteto conheça a arte literária, para que possa deixar uma marca mais forte através dos seus escritos [...]. Também deverá ser instruído na ciência do desenho, a fim de que disponha da capacidade de mais facilmente representar a forma desejada para suas obras, através de modelos [exemplares] pintados.²

Ou seja, para Vitruvius, cumpria ao arquiteto ser, primeiro, um bom escritor, para depois ser um bom desenhista, maquetista ou pintor. Segundo essa convicção, a “arte literária” vem acompanhando a atividade do arquiteto desde o século XV, quando se redescobriu o *Tratado*. Criada nessa época, a tratadística se funda na capacidade de escrever que o arquiteto desenvolve como forma de “deixar uma marca mais forte através de seus escritos” no mundo. Assim, não é só a obra de arquitetura, construída ou não, mas a letra que a acompanha como complemento necessário (muitas vezes imprescindível, no caso de Leon Battista Alberti e também nos de Lina Bo Bardi ou Rem Koolhaas) ao entendimento do que a arquitetura quer “dizer”, isto é, ser.

Contudo, a relação entre arquitetura e poesia não é a mesma que a de longa data mantém com a prosa; ela é bem mais recente. Apesar dos esforços de Alberti, no Renascimento, a arquitetura ainda não era considerada entre as Artes Liberais (*Trivium e Quadrivium*), mas entre as Artes Mecânicas. Deveríamos esperar até o estabelecimento das Belas Artes – as “artes do belo”, concebidas como complemento natural das “artes da verdade” (Liberais) – para que o arquiteto se elevasse a uma posição social de prestígio.

Processo lento que acontecerá a partir do árduo trabalho de Giorgio Vasari, o qual, atacando alguns “arquitetos plebeus”, exalta a *Vite de piu eccellenti Pittori Scultori e Architetti* (1550-1568),³ artistas (gênios) a quem a sociedade deverá respeito e gratidão.

Mas, como afirmamos acima, até o século XIX, não há uma relação intrínseca entre arquitetura e poesia, ao menos não explicitamente, em qualquer tratado, manual de arquitetura ou ensaio. A primeira vez que os termos aparecem juntos é no título de um longo artigo do crítico e poeta, inglês John Ruskin: “The Poetry of Architecture” [A poesia da arquitetura].⁴ No entanto, a relação direta e potente que esse título propõe desaparece no subtítulo: “or, the architecture

mas também no narrativo ou sensível) se aproxima do que entendemos por boa poesia. Sem mencionar o número de poetas que se têm inspirado na arquitetura para conceber suas obras e vice-versa. Assim, ambos os adjetivos são tais que elogiam e enaltecem os respectivos substantivos.

A arquitetura tem uma relação antiga com as letras. Vitruvius afirmou:

Convém que o arquiteto conheça a arte literária, para que possa deixar uma marca mais forte através dos seus escritos [...]. Também deverá ser instruído na ciência do desenho, a fim de que disponha da capacidade de mais facilmente representar a forma desejada para suas obras, através de modelos [exemplares] pintados.²

Ou seja, para Vitruvius, cumpria ao arquiteto ser, primeiro, um bom escritor, para depois ser um bom desenhista, maquetista ou pintor. Segundo essa convicção, a “arte literária” vem acompanhando a atividade do arquiteto desde o século XV, quando se redescobriu o *Tratado*. Criada nessa época, a tratadística se funda na capacidade de escrever que o arquiteto desenvolve como forma de “deixar uma marca mais forte através de seus escritos” no mundo. Assim, não é só a obra de arquitetura, construída ou não, mas a letra que a acompanha como complemento necessário (muitas vezes imprescindível, no caso de Leon Battista Alberti e também nos de Lina Bo Bardi ou Rem Koolhaas) ao entendimento do que a arquitetura quer “dizer”, isto é, ser.

Contudo, a relação entre arquitetura e poesia não é a mesma que a de longa data mantém com a prosa; ela é bem mais recente. Apesar dos esforços de Alberti, no Renascimento, a arquitetura ainda não era considerada entre as Artes Liberais (*Trivium e Quadrivium*), mas entre as Artes Mecânicas. Deveríamos esperar até o estabelecimento das Belas Artes – as “artes do belo”, concebidas como complemento natural das “artes da verdade” (Liberais) – para que o arquiteto se elevasse a uma posição social de prestígio.

Processo lento que acontecerá a partir do árduo trabalho de Giorgio Vasari, o qual, atacando alguns “arquitetos plebeus”, exalta a *Vite de piu eccellenti Pittori Scultori e Architetti* (1550-1568),³ artistas (gênios) a quem a sociedade deverá respeito e gratidão.

Mas, como afirmamos acima, até o século XIX, não há uma relação intrínseca entre arquitetura e poesia, ao menos não explicitamente, em qualquer tratado, manual de arquitetura ou ensaio. A primeira vez que os termos aparecem juntos é no título de um longo artigo do crítico e poeta, inglês John Ruskin: “The Poetry of Architecture” [A poesia da arquitetura].⁴ No entanto, a relação direta e potente que esse título propõe desaparece no subtítulo: “ or, the architecture

of the nations of Europe considered in its association with natural scenery and national character” [ou a arquitetura das nações da Europa consideradas em sua relação com o cenário e o caráter nacional].

Tal subtítulo, convenhamos, não ajuda a entender o que o conhecido pensador inglês pretendia afirmar com o pomposo título, e menos ainda o faz o próprio texto, que consiste em descrições das diferentes arquiteturas rurais (*Villas e Cottages*) de diferentes áreas da Europa continental e da Grã-Bretanha.

Por outro lado, na introdução à primeira parte do longo artigo, o próprio Ruskin faz um esforço para definir um entendimento da arquitetura que a relacione com a poesia, ainda que seja com a evidente intenção de justificar o estranho título imposto pelo editor do jornal que publicou o artigo⁵. Afirma nosso crítico:

A ciência da arquitetura é uma das mais nobres praticadas, em todo seu alcance, por aqueles que têm como referência apenas as criações da mente dos homens. Não é meramente uma ciência da regra e do compasso e não consiste apenas na observação de preceitos ou da justa proporção: é, ou deveria ser, *uma ciência do sentimento* mais do que da norma, *uma missão para o espírito*, mais do que para o olho. Se considerarmos que a beleza e a magnificência de um edifício dependem menos de agradar a certos preconceitos do olho do que de empolgar certo treinamento cognitivo da mente, logo ficará claro *quantas perguntas intrincadas sobre os sentimentos estão envolvidas na criação de um edifício*. Ficaremos convencidos da verdade de uma proposição que, no começo, pode nos parecer surpreendente: a de que nenhum homem pode ser arquiteto se não for metafísico (tradução nossa, grifos nossos).⁶

Assim, a afinidade da poesia com a arquitetura se estabelece por meio do sentimento, que, na sua intrincada complexidade, obriga a uma intervenção da mente, como órgão criador de sentimentos, antes que do olho, órgão receptor de imagens, transformando a ciência icônica numa arte simbólica e imaginativa que atende ao espírito, e não à imposição da regra.

Essa relação da poesia com a arquitetura se manteria durante todo o século XIX e adentraria o XX. Em 1947, Nikolaus Pevsner⁷ ministrou no Royal Institute of British Architects uma palestra sobre o pitoresco na arquitetura. Como era costume na época, se seguiu um “voto de agradecimento” ao palestrante, emitido pelos ilustres convidados de honra do Instituto. Entre eles, o conhecido historiador John Summerson, que, em seu *speech*, argumentou como a palavra “pitoresco”, usada por Pevsner, era muito valiosa, mas de significado “desesperadamente impreciso”⁸, e que o que se poderia descrever

of the nations of Europe considered in its association with natural scenery and national character” [ou a arquitetura das nações da Europa consideradas em sua relação com o cenário e o caráter nacional].

Tal subtítulo, convenhamos, não ajuda a entender o que o conhecido pensador inglês pretendia afirmar com o pomposo título, e menos ainda o faz o próprio texto, que consiste em descrições das diferentes arquiteturas rurais (*Villas e Cottages*) de diferentes áreas da Europa continental e da Grã-Bretanha.

Por outro lado, na introdução à primeira parte do longo artigo, o próprio Ruskin faz um esforço para definir um entendimento da arquitetura que a relacione com a poesia, ainda que seja com a evidente intenção de justificar o estranho título imposto pelo editor do jornal que publicou o artigo⁵. Afirma nosso crítico:

A ciência da arquitetura é uma das mais nobres praticadas, em todo seu alcance, por aqueles que têm como referência apenas as criações da mente dos homens. Não é meramente uma ciência da regra e do compasso e não consiste apenas na observação de preceitos ou da justa proporção: é, ou deveria ser, *uma ciência do sentimento* mais do que da norma, *uma missão para o espírito*, mais do que para o olho. Se considerarmos que a beleza e a magnificência de um edifício dependem menos de agradar a certos preconceitos do olho do que de empolgar certo treinamento cognitivo da mente, logo ficará claro *quantas perguntas intrincadas sobre os sentimentos estão envolvidas na criação de um edifício*. Ficaremos convencidos da verdade de uma proposição que, no começo, pode nos parecer surpreendente: a de que nenhum homem pode ser arquiteto se não for metafísico (tradução nossa, grifos nossos).⁶

Assim, a afinidade da poesia com a arquitetura se estabelece por meio do sentimento, que, na sua intrincada complexidade, obriga a uma intervenção da mente, como órgão criador de sentimentos, antes que do olho, órgão receptor de imagens, transformando a ciência icônica numa arte simbólica e imaginativa que atende ao espírito, e não à imposição da regra.

Essa relação da poesia com a arquitetura se manteria durante todo o século XIX e adentraria o XX. Em 1947, Nikolaus Pevsner⁷ ministrou no Royal Institute of British Architects uma palestra sobre o pitoresco na arquitetura. Como era costume na época, se seguiu um “voto de agradecimento” ao palestrante, emitido pelos ilustres convidados de honra do Instituto. Entre eles, o conhecido historiador John Summerson, que, em seu *speech*, argumentou como a palavra “pitoresco”, usada por Pevsner, era muito valiosa, mas de significado “desesperadamente impreciso”⁸, e que o que se poderia descrever

com esse adjetivo era, simplesmente, (boa) arquitetura. Para reforçar sua alegação, apelou ao incontrovertido Sir John Soane, que, para falar do que Pevsner tinha definido e defendido como pitoresco, “falava de poesia”. Em seu favor, Summerson descreveu o famoso cômodo da “sala do café da manhã” da casa do arquiteto⁹, com sua pequena abóboda rebaixada, sua iluminação zenital, uma janela da qual se vê o interior do salão principal, um pouco acima, e além dele, por outra janela, as ruínas de um pátio. Nesse pequeno cômodo, afirmava “Sir John que tinha capturado a poesia da arquitetura”¹⁰.

Summerson também menciona a frustração decorrente de uma analogia “desesperadamente ambígua [com a arquitetura] que resulta insolúvel”¹¹. Assim como com a pintura¹² ou com a música¹³, a arquitetura tem com a poesia essa relação de ambiguidade e de irresolução que desespera.

No entanto, a relação se mantém e nos chama a refletir sobre ela. Não como uma relação direta e recíproca, mas como aquela que posiciona a “arquitetura em conformidade com determinados critérios”¹⁴ que definem sua humanidade, como os apontados por Summerson e por Pevsner. E qual seria essa humanidade, fora da aceitação do critério da “boa arquitetura”? Parece adequado lembrar a posição de Martin Heidegger¹⁵, que indicou a disposição da arquitetura conforme sua capacidade de permitir um habitar, que não é outra coisa que um “de-morar-se” entre o céu e a terra.

Podemos agora entender, “conforme” essa necessidade de habitar nesse “entre”,¹⁶ que a poesia é parte da alma da arquitetura, sua ambígua adjetivação enaltecida em sua profunda percepção do espaço como poesia. Em seu projeto *Houses for Poems*,¹⁷ Peter Zumthor se inspirou em poemas especialmente escritos para lugares determinados para projetar pequenas casas que fossem capazes de mostrar a “alma da arquitetura” que se desenvolve no lugar quando projetado e construído pelo homem. “A antiga palavra *bauen* (construir) [...] diz que o homem é a medida que *habita*”.¹⁸

Os poemas de Pedro António Janeiro, *Desenho [...] Céu em trapézios*, que nos chamaram a estas reflexões, propõem essas mesmas preocupações sobre as afinidades do habitar e de como devemos atuar em conformidade com suas circunstâncias. Especialmente o que menciona explicitamente o nome do livro:

Côrto, o céu em trapézios:
Diedros de linhas de metal escuro esticadas;
Raízes, aéreas, país do meu sonho.
(...)

com esse adjetivo era, simplesmente, (boa) arquitetura. Para reforçar sua alegação, apelou ao incontrovertido Sir John Soane, que, para falar do que Pevsner tinha definido e defendido como pitoresco, “falava de poesia”. Em seu favor, Summerson descreveu o famoso cômodo da “sala do café da manhã” da casa do arquiteto⁹, com sua pequena abóboda rebaixada, sua iluminação zenital, uma janela da qual se vê o interior do salão principal, um pouco acima, e além dele, por outra janela, as ruínas de um pátio. Nesse pequeno cômodo, afirmava “Sir John que tinha capturado a poesia da arquitetura”¹⁰.

Summerson também menciona a frustração decorrente de uma analogia “desesperadamente ambígua [com a arquitetura] que resulta insolúvel”¹¹. Assim como com a pintura¹² ou com a música¹³, a arquitetura tem com a poesia essa relação de ambiguidade e de irresolução que desespera.

No entanto, a relação se mantém e nos chama a refletir sobre ela. Não como uma relação direta e recíproca, mas como aquela que posiciona a “arquitetura em conformidade com determinados critérios”¹⁴ que definem sua humanidade, como os apontados por Summerson e por Pevsner. E qual seria essa humanidade, fora da aceitação do critério da “boa arquitetura”? Parece adequado lembrar a posição de Martin Heidegger¹⁵, que indicou a disposição da arquitetura conforme sua capacidade de permitir um habitar, que não é outra coisa que um “de-morar-se” entre o céu e a terra.

Podemos agora entender, “conforme” essa necessidade de habitar nesse “entre”,¹⁶ que a poesia é parte da alma da arquitetura, sua ambígua adjetivação enaltecida em sua profunda percepção do espaço como poesia. Em seu projeto *Houses for Poems*,¹⁷ Peter Zumthor se inspirou em poemas especialmente escritos para lugares determinados para projetar pequenas casas que fossem capazes de mostrar a “alma da arquitetura” que se desenvolve no lugar quando projetado e construído pelo homem. “A antiga palavra *bauen* (construir) [...] diz que o homem é a medida que *habita*”.¹⁸

Os poemas de Pedro António Janeiro, *Desenho [...] Céu em trapézios*, que nos chamaram a estas reflexões, propõem essas mesmas preocupações sobre as afinidades do habitar e de como devemos atuar em conformidade com suas circunstâncias. Especialmente o que menciona explicitamente o nome do livro:

Côrto, o céu em trapézios:
Diedros de linhas de metal escuro esticadas;
Raízes, aéreas, país do meu sonho.
(...)

Sei de um muro em ruína sustido
Pelos braços de uma árvore antiga, minha mãe.
Sei ao que sabe a tua ferida,
O salto o que te dói na voz,
O horizonte as tuas clavículas.
Voo recto em direcção ao Sol,
Sem-ti contigo porque vibra o mundo.

Uma visão do céu da cidade que se abre às lembranças da infância e do futuro – do horizonte que se abre ao mundo. Um mundo que representa essa possibilidade do habitar embaixo do céu, acima da terra, entre fios e árvores, entre muros e pedras. Poemas esses que deram origem a todo o processo de pesquisa que, como afirma Pedro, dura até hoje e durará mais, pois acompanham esse artista os amigos que se empolgam com o dito e o não dito, aquilo que está ainda por dizer. Tudo aquilo que nos mantém caminhando, ou no caminho: *Sem ti contigo porque vibra o mundo.*

Essa *Arquitecturas Imaginadas*, tão portuguesa a grafia, tão marcante o som da *tectura* que impregna o ar com uma doçura de antanho, como no acento diferencial em *Côrto*, que graficamente remete ao trapézio quando *imaginado* (*Diedros de linhas de metal escuro esticadas*), e volta a *saltar na voz*, mas desta vez saltar para o sol, para a luz e para o céu que é cortado. Segundo Pedro, esse é o poema matriz de “toda esta loucura” que nos leva a pensar o mundo novamente. Poema que, pensado da forma mais singela, “no trânsito na Estrada Marginal entre Lisboa e o Monte Estoril”, aquele *país de meu sonho* onde ele mora, se revela como a chave do acontecer e do acontecido: “a força motriz de todo este processo” que levou a esse livro e às sucessivas atividades de muitos amigos e pesquisadores daqui e de além-mar, ou dali e de aquém-mar – uma poética.¹⁹

Da mesma forma que Zumthor assume a poesia como geratriz da arquitetura que poderá ser, Pedro Janeiro faz a própria poesia propulsando as arquiteturas que imaginamos e as que desejamos, num processo de pesquisa intenso e criativo, capaz de nos levar a entender melhor nossa finalidade neste mundo: um habitar com nosso vizinho, em paz.

Pedro nos perguntava – e ao mesmo afirmava – “por que é que um simples poema pôde desencadear um processo de investigação em representação e arquitectura”? E pode, sim, porque é no poema que guardamos nossa alma, e, quando esse âmagó essencial se conecta – por afinidade e em conformidade com uma circunstância – com o cerne da arquitetura, a forma do habitar se abre numa poética que atinge o mundo, sob esse *céu em trapézios* que tu nos deste e que eu agradeço.

Sei de um muro em ruína sustido
Pelos braços de uma árvore antiga, minha mãe.
Sei ao que sabe a tua ferida,
O salto o que te dói na voz,
O horizonte as tuas clavículas.
Voo recto em direcção ao Sol,
Sem-ti contigo porque vibra o mundo.

Uma visão do céu da cidade que se abre às lembranças da infância e do futuro – do horizonte que se abre ao mundo. Um mundo que representa essa possibilidade do habitar embaixo do céu, acima da terra, entre fios e árvores, entre muros e pedras. Poemas esses que deram origem a todo o processo de pesquisa que, como afirma Pedro, dura até hoje e durará mais, pois acompanham esse artista os amigos que se empolgam com o dito e o não dito, aquilo que está ainda por dizer. Tudo aquilo que nos mantém caminhando, ou no caminho: *Sem ti contigo porque vibra o mundo.*

Essa *Arquitecturas Imaginadas*, tão portuguesa a grafia, tão marcante o som da *tectura* que impregna o ar com uma doçura de antanho, como no acento diferencial em *Côrto*, que graficamente remete ao trapézio quando *imaginado* (*Diedros de linhas de metal escuro esticadas*), e volta a *saltar na voz*, mas desta vez saltar para o sol, para a luz e para o céu que é cortado. Segundo Pedro, esse é o poema matriz de “toda esta loucura” que nos leva a pensar o mundo novamente. Poema que, pensado da forma mais singela, “no trânsito na Estrada Marginal entre Lisboa e o Monte Estoril”, aquele *país de meu sonho* onde ele mora, se revela como a chave do acontecer e do acontecido: “a força motriz de todo este processo” que levou a esse livro e às sucessivas atividades de muitos amigos e pesquisadores daqui e de além-mar, ou dali e de aquém-mar – uma poética.¹⁹

Da mesma forma que Zumthor assume a poesia como geratriz da arquitetura que poderá ser, Pedro Janeiro faz a própria poesia propulsando as arquiteturas que imaginamos e as que desejamos, num processo de pesquisa intenso e criativo, capaz de nos levar a entender melhor nossa finalidade neste mundo: um habitar com nosso vizinho, em paz.

Pedro nos perguntava – e ao mesmo afirmava – “por que é que um simples poema pôde desencadear um processo de investigação em representação e arquitectura”? E pode, sim, porque é no poema que guardamos nossa alma, e, quando esse âmagó essencial se conecta – por afinidade e em conformidade com uma circunstância – com o cerne da arquitetura, a forma do habitar se abre numa poética que atinge o mundo, sob esse *céu em trapézios* que tu nos deste e que eu agradeço.

Notas

1. Oriol BOHIGAS, *Contra una arquitectura adjetivada*, Seix Barral, Barcelona, 1969.
2. VITRÚVIO, *Tratado de Arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2007, p. 63.
3. Giorgio VASARI, *Vidas dos Artistas*, Martins Fontes, São Paulo, 2011.
4. THE PROJECT GUTENBERG EBOOK. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/17774/17774-h/17774-h.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2014.
5. Referimo-nos ao título do primeiro artigo da série *Poetry of Architectur*, de autoria de Kata Phusin, publicado em *The Architectural Magazine*, Londres, dez. 1838, p. 533-553.
6. THE PROJECT GUTENBERG EBOOK, *op. cit.*
7. Nikolaus PEVSNER, “Lo pintoresco en la arquitectura”, in: CUADERNO DE NOTAS, n. 2, 1994, p. 99-111.
8. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 106.
9. O atual Museu Soane, em Londres.
10. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 106.
11. *Ibidem.*
12. Como advertiu Bruno Zevi (1978, p. 14), quase setenta anos atrás, em *Saper vedere l'architettura*, sempre corremos o risco de que “os edifícios [sejam] apreciados como se fossem esculturas e pinturas, quer dizer, externa e superficialmente, como puros fenômenos plásticos”.
13. Esta última com um pouco mais de apelo, depois de Johann Wolfgang von Goethe ter afirmado que a “arquitetura é música petrificada”.
14. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 110.
15. Martin HEIDEGGER, “Construir, habitar, pensar”. Disponível em: <http://www.prourof.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2014.
16. Pedro António JANEIRO, Sul “fra”. *Delle architetture e dei didegni*, Arianna, Rende, 2013.
17. *Houses of Poems* é parte do projeto “Poetic Landscape”, desenvolvido pelo Literaturbüro Detmold, World Exhibition 2000, Hannover. Treze poetas de várias nacionalidades foram convidados a visitar uma pequena região da Vestfalia e, encontrando um lugar inspirador, escrever um poema. Posteriormente, o arquiteto Peter Zumthor projetou nos lugares escolhidos uma casa “conforme” aos poemas, baseando as características do projeto nesse material sensível. Informações sobre o projeto podem ser encontradas em: POETIC LANDSCAPE [...].
18. Martin HEIDEGGER, “Construir, habitar, pensar”, *op. cit.*
19. Pois, como manifestou Bruno Zevi (1960, p. 8), na premissa que antecede seu *Poetica dell'Architettura Neoplasticista*: “Uma poética reúne, sublinha o comum denominador de vários artistas, enquanto a poesia distingue e define o rasgo particular de cada arquiteto criador”.

Notas

1. Oriol BOHIGAS, *Contra una arquitectura adjetivada*, Seix Barral, Barcelona, 1969.
2. VITRÚVIO, *Tratado de Arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2007, p. 63.
3. Giorgio VASARI, *Vidas dos Artistas*, Martins Fontes, São Paulo, 2011.
4. THE PROJECT GUTENBERG EBOOK. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/17774/17774-h/17774-h.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2014.
5. Referimo-nos ao título do primeiro artigo da série *Poetry of Architectur*, de autoria de Kata Phusin, publicado em *The Architectural Magazine*, Londres, dez. 1838, p. 533-553.
6. THE PROJECT GUTENBERG EBOOK, *op. cit.*
7. Nikolaus PEVSNER, “Lo pintoresco en la arquitectura”, in: CUADERNO DE NOTAS, n. 2, 1994, p. 99-111.
8. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 106.
9. O atual Museu Soane, em Londres.
10. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 106.
11. *Ibidem.*
12. Como advertiu Bruno Zevi (1978, p. 14), quase setenta anos atrás, em *Saper vedere l'architettura*, sempre corremos o risco de que “os edifícios [sejam] apreciados como se fossem esculturas e pinturas, quer dizer, externa e superficialmente, como puros fenômenos plásticos”.
13. Esta última com um pouco mais de apelo, depois de Johann Wolfgang von Goethe ter afirmado que a “arquitetura é música petrificada”.
14. PEVSNER, 1994, *op. cit.*, p. 110.
15. Martin HEIDEGGER, “Construir, habitar, pensar”. Disponível em: <http://www.prourof.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2014.
16. Pedro António JANEIRO, Sul “fra”. *Delle architetture e dei didegni*, Arianna, Rende, 2013.
17. *Houses of Poems* é parte do projeto “Poetic Landscape”, desenvolvido pelo Literaturbüro Detmold, World Exhibition 2000, Hannover. Treze poetas de várias nacionalidades foram convidados a visitar uma pequena região da Vestfalia e, encontrando um lugar inspirador, escrever um poema. Posteriormente, o arquiteto Peter Zumthor projetou nos lugares escolhidos uma casa “conforme” aos poemas, baseando as características do projeto nesse material sensível. Informações sobre o projeto podem ser encontradas em: POETIC LANDSCAPE [...].
18. Martin HEIDEGGER, “Construir, habitar, pensar”, *op. cit.*
19. Pois, como manifestou Bruno Zevi (1960, p. 8), na premissa que antecede seu *Poetica dell'Architettura Neoplasticista*: “Uma poética reúne, sublinha o comum denominador de vários artistas, enquanto a poesia distingue e define o rasgo particular de cada arquiteto criador”.

Referências

- BOHIGAS, Oriol, *Contra una arquitectura adjetivada*, Seix Barral, Barcelona, 1969.
- JANEIRO, Pedro António, *Sul “fra”. Delle architetture e dei didegni*, Arianna, Rende, 2013.
- HEIDEGGER, Martin, “Construir, habitar, pensar” [*Bauen, Wohnen, Denken*] (1951). Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- PEVSNER, Nikolaus, “Lo pintoresco en la arquitectura” ([texto] leído ante el Royal Institute of British Architects, 25 de noviembre de 1947), *in*: CUADERNO DE NOTAS (Departamento de Composición Arquitectónica, Escuela T. S. de Arquitectura de Madrid), n. 2, 1994, p. 99-111.
- POETIC LANDSCAPE. Presentation at Lagoa Santo André, Constructed Landscapes Workshop. Disponível em: <http://susanaventura.files.wordpress.com/2012/09/poetic-landscape_santo-andre-presentation.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- THE PROJECT GUTENBERG EBOOK. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/17774/17774-h/17774-h.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- VITRÚVIO, *Tratado de Arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- ZEVI, Bruno, *Poética de la arquitectura neoplástica*, Victor Lerú, Buenos Aires, 1960.
- _____, *Saber ver a arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 1978.

Referências

- BOHIGAS, Oriol, *Contra una arquitectura adjetivada*, Seix Barral, Barcelona, 1969.
- JANEIRO, Pedro António, *Sul “fra”. Delle architetture e dei didegni*, Arianna, Rende, 2013.
- HEIDEGGER, Martin, “Construir, habitar, pensar” [*Bauen, Wohnen, Denken*] (1951). Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- PEVSNER, Nikolaus, “Lo pintoresco en la arquitectura” ([texto] leído ante el Royal Institute of British Architects, 25 de noviembre de 1947), *in*: CUADERNO DE NOTAS (Departamento de Composición Arquitectónica, Escuela T. S. de Arquitectura de Madrid), n. 2, 1994, p. 99-111.
- POETIC LANDSCAPE. Presentation at Lagoa Santo André, Constructed Landscapes Workshop. Disponível em: <http://susanaventura.files.wordpress.com/2012/09/poetic-landscape_santo-andre-presentation.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- THE PROJECT GUTENBERG EBOOK. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/17774/17774-h/17774-h.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- VITRÚVIO, *Tratado de Arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- ZEVI, Bruno, *Poética de la arquitectura neoplástica*, Victor Lerú, Buenos Aires, 1960.
- _____, *Saber ver a arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 1978.

Vem do negro ao céu
Que não há pressa que se tomem de Lua
As coisas do mundo de quem se cala ou abstém.
O teu nome na minha boca até quando
Uma palavra sair manhã
De entre os dentes cerrados da estátua
(moldada e perfeita na pose e no efeito)
Que vê,
Com os olhos postos raiados de luz nos meus,
O tempo a tomar forma no dentro das ondas.

Vem do negro ao céu
Que não há pressa que se tomem de Lua
As coisas do mundo de quem se cala ou abstém.
O teu nome na minha boca até quando
Uma palavra sair manhã
De entre os dentes cerrados da estátua
(moldada e perfeita na pose e no efeito)
Que vê,
Com os olhos postos raiados de luz nos meus,
O tempo a tomar forma no dentro das ondas.

Antes me diria contorno a linha,
Como em nuvem que oculta o astro,
Que um eu(-impuro).
Maldita palavra,
Vazia de noite,
Milímetro de solidão.
Dá-me o lugar a memória
Como à ferrugem o branco-chá das rosas do teu jardim.
(...)
Morre-me por dentro uma casa
Onde eu não vivi,
Numa rua que veia um sangue que já provei.
(...)
A dez horas daqui pulsam,
Desde o dentro da terra,
As plantas dos meus pés para me dizerem mar.

Antes me diria contorno a linha,
Como em nuvem que oculta o astro,
Que um eu(-impuro).
Maldita palavra,
Vazia de noite,
Milímetro de solidão.
Dá-me o lugar a memória
Como à ferrugem o branco-chá das rosas do teu jardim.
(...)
Morre-me por dentro uma casa
Onde eu não vivi,
Numa rua que veia um sangue que já provei.
(...)
A dez horas daqui pulsam,
Desde o dentro da terra,
As plantas dos meus pés para me dizerem mar.

Talvez porque viva, na dimensão de ínfimo,
Um animal alado naquilo que de mim diz que sente,
Que sou sombra só de uma certa árvore,
Numa rua tão perto da praia,
De ramos e tronco de prata em contra-luz.
Fluo em vórtice,
Coluna do meu templo,
Da álua à ponta da asa.
(...)
Areia morna, meu adágio,
Rua entre casas onde a água me dá
Como destroço ou prodígio.

Talvez porque viva, na dimensão de ínfimo,
Um animal alado naquilo que de mim diz que sente,
Que sou sombra só de uma certa árvore,
Numa rua tão perto da praia,
De ramos e tronco de prata em contra-luz.
Fluo em vórtice,
Coluna do meu templo,
Da álua à ponta da asa.
(...)
Areia morna, meu adágio,
Rua entre casas onde a água me dá
Como destroço ou prodígio.

Da carne cortada a lâmina à morte da alma,
Vivo nácar, interior de concha:
Luz da luz desarmada,
Instante de céu próximo ao horizonte à hora do Poente.
Respiro entre escamas em fiadas
Que me recobrem o corpo abrasado;
Não fôra a iridescência dessas lamelas de vidro
Que me espetaram na pele,
E eu mais nu,
Mais mar.

Da carne cortada a lâmina à morte da alma,
Vivo nácar, interior de concha:
Luz da luz desarmada,
Instante de céu próximo ao horizonte à hora do Poente.
Respiro entre escamas em fiadas
Que me recobrem o corpo abrasado;
Não fôra a iridescência dessas lamelas de vidro
Que me espetaram na pele,
E eu mais nu,
Mais mar.

Côrto, o céu em trapézios:
Diedros de linhas de metal escuro esticadas;
Raízes, aéreas, país do meu sonho.
(...)
Sei de um muro em ruína sustido
Pelos braços de uma árvore antiga, minha mãe.
Sei ao que sabe a tua ferida,
O salto o que te dói na voz,
O horizonte as tuas clavículas.
Voo recto em direcção ao Sol,
Sem-ti contigo porque vibra o mundo.

Côrto, o céu em trapézios:
Diedros de linhas de metal escuro esticadas;
Raízes, aéreas, país do meu sonho.
(...)
Sei de um muro em ruína sustido
Pelos braços de uma árvore antiga, minha mãe.
Sei ao que sabe a tua ferida,
O salto o que te dói na voz,
O horizonte as tuas clavículas.
Voo recto em direcção ao Sol,
Sem-ti contigo porque vibra o mundo.

Queria só
Apanhar-te as palavras da boca
Como num desenho que aperta o mundo:
Um dia o mar por inteiro
Ou o céu o que a tua língua toca.

Queria só
Apanhar-te as palavras da boca
Como num desenho que aperta o mundo:
Um dia o mar por inteiro
Ou o céu o que a tua língua toca.

Pelo verso das folhas, por teu diz-me.
Rua larga entre muros,
Diâmetro do teu abraço,
Compasso do teu desejo:
Medida da medida da sombra,
Minha asa em falta.
Uivo de olhar faminto
Na certeza que dobra a esquina,
Na linha da onda na noite clara.
Por teu diz-me:
Teu, golpe na boca;
O teu cabelo, apanhado.

Pelo verso das folhas, por teu diz-me.
Rua larga entre muros,
Diâmetro do teu abraço,
Compasso do teu desejo:
Medida da medida da sombra,
Minha asa em falta.
Uivo de olhar faminto
Na certeza que dobra a esquina,
Na linha da onda na noite clara.
Por teu diz-me:
Teu, golpe na boca;
O teu cabelo, apanhado.

Vi de fora o meu corpo capsular,
O tempo a resolver-se em espanto.
E o mar era mesmo, asa.

Vi de fora o meu corpo capsular,
O tempo a resolver-se em espanto.
E o mar era mesmo, asa.

Morri príncipe, cativo no meu próprio reino:
Jardim de flores que abrem no escuro
Quando o olhar se fecha.
(...)
Há lá um lago, ainda hoje,
Onde naufragam azuis de um azul pleno
Transbordado por copas de árvores incríveis, prata.

Morri príncipe, cativo no meu próprio reino:
Jardim de flores que abrem no escuro
Quando o olhar se fecha.
(...)
Há lá um lago, ainda hoje,
Onde naufragam azuis de um azul pleno
Transbordado por copas de árvores incríveis, prata.

Tenho medo em puro,
Um brilho em vertigem:
Dos troncos destas árvores;
Das pedras sujas, brancas, do chão;
Dos postes dos candeeiros da rua;
Que me dão assim ao corpo do meu corpo,
Ao meu peito entreaberto,
Que me fazem próprio de mim
Sob um feixe de raios laranja pálido,
Triste,
Atado ao meio como um dia no tempo da palha.
Destilo aqui do meu sangue a morada,
E dela o meu lugar no mundo.

Tenho medo em puro,
Um brilho em vertigem:
Dos troncos destas árvores;
Das pedras sujas, brancas, do chão;
Dos postes dos candeeiros da rua;
Que me dão assim ao corpo do meu corpo,
Ao meu peito entreaberto,
Que me fazem próprio de mim
Sob um feixe de raios laranja pálido,
Triste,
Atado ao meio como um dia no tempo da palha.
Destilo aqui do meu sangue a morada,
E dela o meu lugar no mundo.

Dou conta de mim contínuo,
Guia que estrangula de hera o meu torço
Que oscila entre o néon e o éter.
Continuamente contínuo,
Substantivamente substância:
Ponta de frágua,
Branco de espuma que naufraga na rocha,
Meio do mar,
Epicentro de vaga (remoto),
Veia que seiva a árvore em perfume de flor
Um dia à noite numa rua para sempre,
Lá.
Entre o roxo-laranja e o traço volátil,
Fiel que pesa pó de ouro,
Um grito de anjo
Ou o meu olhar,
Possível fosse.

Dou conta de mim contínuo,
Guia que estrangula de hera o meu torço
Que oscila entre o néon e o éter.
Continuamente contínuo,
Substantivamente substância:
Ponta de frágua,
Branco de espuma que naufraga na rocha,
Meio do mar,
Epicentro de vaga (remoto),
Veia que seiva a árvore em perfume de flor
Um dia à noite numa rua para sempre,
Lá.
Entre o roxo-laranja e o traço volátil,
Fiel que pesa pó de ouro,
Um grito de anjo
Ou o meu olhar,
Possível fosse.

Troco-me por ti
Porque o lago é fundo
E as janelas das casas desta rua de pálpebras,
São pupilas que me devoram assim mesmo assim.
Fazem fachadas de olhar até a rua ser rua,
Até o rio ser sabor a praia
À altura abstracta do horizonte que a geometria diz
Enquanto o corpo ignora,
Vão.
Dizer que eu um dia passei por aqui é pouco:
Antes pássaro,
Intradorso da concha da minha mão.

Troco-me por ti
Porque o lago é fundo
E as janelas das casas desta rua de pálpebras,
São pupilas que me devoram assim mesmo assim.
Fazem fachadas de olhar até a rua ser rua,
Até o rio ser sabor a praia
À altura abstracta do horizonte que a geometria diz
Enquanto o corpo ignora,
Vão.
Dizer que eu um dia passei por aqui é pouco:
Antes pássaro,
Intradorso da concha da minha mão.

Apanha-me numa linha que seja rente à maré,
De um brilho que o papel diga:
Branco por falta e a minha mão desenha.
Sou a vontade que antecede o traço,
Um corpo nu diante
Ou uma cidade onde queremos morar.

Apanha-me numa linha que seja rente à maré,
De um brilho que o papel diga:
Branco por falta e a minha mão desenha.
Sou a vontade que antecede o traço,
Um corpo nu diante
Ou uma cidade onde queremos morar.

Com a mão invento paraísos
No que aprofunda a folha
Para te deixar em paz entre linhas:
Algo que sejas tu (entre paredes) contigo,
O teu corpo dilatado a cal.

Com a mão invento paraísos
No que aprofunda a folha
Para te deixar em paz entre linhas:
Algo que sejas tu (entre paredes) contigo,
O teu corpo dilatado a cal.

Descia a rua, menino,
E sentia gente a assomar-se à porta.
Quem era?
Filho de quem?
Tão puro quanto o sangue que ainda me enche as veias,
Alto,
Éter,
Volátil.

Descia a rua, menino,
E sentia gente a assomar-se à porta.
Quem era?
Filho de quem?
Tão puro quanto o sangue que ainda me enche as veias,
Alto,
Éter,
Volátil.

Sempre soube de um rio a correr para cima,
O metal da tua voz a cantar-me,
O salto da corça,
As pontas das sete setas.
De prata, tudo;
Da ferida, o meu sangue.
Inóspito, de outro reino, estrangeiro.
De prata, tudo;
Sombra da sombra da sombra da sombra;
Passo.
Largo, o rio.

Sempre soube de um rio a correr para cima,
O metal da tua voz a cantar-me,
O salto da corça,
As pontas das sete setas.
De prata, tudo;
Da ferida, o meu sangue.
Inóspito, de outro reino, estrangeiro.
De prata, tudo;
Sombra da sombra da sombra da sombra;
Passo.
Largo, o rio.

Estupendo, incrível,
Como o louco que diz e pode:
Filho de rei,
Inox em gancho que pendura a carne fresca no talho.

Estupendo, incrível,
Como o louco que diz e pode:
Filho de rei,
Inox em gancho que pendura a carne fresca no talho.

Um dia, fui à caça com o meu pai:
Matámos um coelho
E os meus olhos já eram assim.

Um dia, fui à caça com o meu pai:
Matámos um coelho
E os meus olhos já eram assim.

Há lá um desenho de mim a corpo inteiro
Que me diz antigo,
Uma mão que me contou sopro.

Há lá um desenho de mim a corpo inteiro
Que me diz antigo,
Uma mão que me contou sopro.

Sei de uma rua
(Como o entre os teus dedos o meu cabelo)
Onde veia azul uma árvore.

Sei de uma rua
(Como o entre os teus dedos o meu cabelo)
Onde veia azul uma árvore.

Sei o mundo carne da minha carne,
Verso da minha pele,
Água de enfusa à hora da calma.
Sei de mim uma palavra que muda de cor.

Sei o mundo carne da minha carne,
Verso da minha pele,
Água de enfusa à hora da calma.
Sei de mim uma palavra que muda de cor.

Sei de um mundo a que pertenço
A duas mãos de dedos daqui,
Geografia mítica dos meus sonhos,
Saliva das minhas palavras,
Sabor a voz e espuma.

Sei de um mundo a que pertenço
A duas mãos de dedos daqui,
Geografia mítica dos meus sonhos,
Saliva das minhas palavras,
Sabor a voz e espuma.

Vivo terra: contorno em sopro
Do meu corpo inteiro
Na linha que sai da mão.

Vivo terra: contorno em sopro
Do meu corpo inteiro
Na linha que sai da mão.

A minha carne é a do mundo que doi
Da veia mais fina ao céu da boca.
(Há um ar que eu não sei dizer porquê,
Há um passo a mais no tempo.)
Habito um virar de cabeça a dizer,
Em segredo,
Palavras que falam de mim e de ti.
Frase de salmo,
Cântico dos cânticos,
Sangue em posta.

A minha carne é a do mundo que doi
Da veia mais fina ao céu da boca.
(Há um ar que eu não sei dizer porquê,
Há um passo a mais no tempo.)
Habito um virar de cabeça a dizer,
Em segredo,
Palavras que falam de mim e de ti.
Frase de salmo,
Cântico dos cânticos,
Sangue em posta.

Há uma árvore longe que me dá de comer
E que me respira e faz dentro,
Enquanto a pele diz agora.

Há uma árvore longe que me dá de comer
E que me respira e faz dentro,
Enquanto a pele diz agora.

Senão azul por dentro, quê?
Sangue em veia, tumor.
Azul-azul, azul de um incrivelmente azul-eu.
Assim sem saber por quê, luz sem filtro.

Senão azul por dentro, quê?
Sangue em veia, tumor.
Azul-azul, azul de um incrivelmente azul-eu.
Assim sem saber por quê, luz sem filtro.

À margem dos meus passos (sempre soube)
Há uma cúpula de um outro horizonte
De que sou pedra que fecha
Uma cápsula esquecida
De um vidro tão fino que guarda
Lagos infinitos de sal em nervuras,
Casas felizes com janelas engalanadas
Por cimalthas e colchas de rosas brancas por fora,
E onde à noite cantam crianças numa língua que eu conheço.
De toda a vida, sei que passo me leva daqui aí.

À margem dos meus passos (sempre soube)
Há uma cúpula de um outro horizonte
De que sou pedra que fecha
Uma cápsula esquecida
De um vidro tão fino que guarda
Lagos infinitos de sal em nervuras,
Casas felizes com janelas engalanadas
Por cimalthas e colchas de rosas brancas por fora,
E onde à noite cantam crianças numa língua que eu conheço.
De toda a vida, sei que passo me leva daqui aí.

Inventas maravilhas no transparente
Opalino-branco da folha,
Com a exactidão dos teus traços rotundos.
Dizes-me “girassóis”, nítidos,
“Foguetões” que te tiram do espaço,
“Pássaros” que não voam.
O teu desenho é um puzzle,
Uma manta de rosáceas de catedrais antigas
(todas de lã negra às cores, informes e vazias) que dizes:
“O Piotr do pai”, o enigma dos enigmas.
Para mim, o teu Desenho é o tratado que nunca ninguém escreveu
Enquanto trocas de caneta comigo.

Inventas maravilhas no transparente
Opalino-branco da folha,
Com a exactidão dos teus traços rotundos.
Dizes-me “girassóis”, nítidos,
“Foguetões” que te tiram do espaço,
“Pássaros” que não voam.
O teu desenho é um puzzle,
Uma manta de rosáceas de catedrais antigas
(todas de lã negra às cores, informes e vazias) que dizes:
“O Piotr do pai”, o enigma dos enigmas.
Para mim, o teu Desenho é o tratado que nunca ninguém escreveu
Enquanto trocas de caneta comigo.

Toco a polpa das coisas que não tomam forma aos olhos:
O entre, o volátil dos líquidos,
O ácido das palavras.
Inalo-me até à inconsciência.
A folha é árvore.
A folha é árvore até o segredo ser grito.

Toco a polpa das coisas que não tomam forma aos olhos:
O entre, o volátil dos líquidos,
O ácido das palavras.
Inalo-me até à inconsciência.
A folha é árvore.
A folha é árvore até o segredo ser grito.

Cruza-se comigo um mesmo simétrico:
Qualquer coisa de mim, negro de fumo.

Cruza-se comigo um mesmo simétrico:
Qualquer coisa de mim, negro de fumo.

Entre o quase e o tudo,
Há um género de entre:
O dedo que toca uma porta que abre oculta (incerta).
Dobra esta aresta em lâmina
O encaixe do teu torso no meu.
Corpo(-nu) lancil do meu desejo,
És eu.

Entre o quase e o tudo,
Há um género de entre:
O dedo que toca uma porta que abre oculta (incerta).
Dobra esta aresta em lâmina
O encaixe do teu torso no meu.
Corpo(-nu) lancil do meu desejo,
És eu.

Vagem de trigo, sangue em gota.
Sei de mim longe, entre, entre virgulas,
Entre fora e dentro,
Membrana, fronteira ou muro.
Puseram-me grades na pele.
Cego, uma mão por mim a dizer o mundo
Ou coisa que se faz sem querer:
Que a Lógica recusa,
Que entre estas pedras há tanto tu como eu.

Vagem de trigo, sangue em gota.
Sei de mim longe, entre, entre virgulas,
Entre fora e dentro,
Membrana, fronteira ou muro.
Puseram-me grades na pele.
Cego, uma mão por mim a dizer o mundo
Ou coisa que se faz sem querer:
Que a Lógica recusa,
Que entre estas pedras há tanto tu como eu.

Assim como isso, páginas da mesma folha:
Largada de estrelas;
Hemorragia de luz e os teus olhos;
Apenas que é pleno, que é tudo, dizer-te recorte do meu corpo.
Disso vivo, condenado e preso como a cor às coisas,
Como a alma a dois milímetros de mim.

Assim como isso, páginas da mesma folha:
Largada de estrelas;
Hemorragia de luz e os teus olhos;
Apenas que é pleno, que é tudo, dizer-te recorte do meu corpo.
Disso vivo, condenado e preso como a cor às coisas,
Como a alma a dois milímetros de mim.

De certo há palavras que me dizem muito ale,
Esquecido ou brasa,
Oceano ou eu,
Vento, penumbra, ombreira ou passo;
E não apenas isso
Que esconde o real das coisas a que me assomo:
Longínquas, intangíveis,
Ruínas de casas de um povo esquecido à força
Pelas exuberâncias dos verdes de onde vim.
(...)
(Há uma porta estreita por onde, um dia, todos havemos de passar.)
Entre tanto vivo azul,
Onda de naufrágio,
Esfumado que dissipa ou drama,
Fumo de escape numa manhã de trânsito,
Corte que me invade o corpo que me substitui.

De certo há palavras que me dizem muito ale,
Esquecido ou brasa,
Oceano ou eu,
Vento, penumbra, ombreira ou passo;
E não apenas isso
Que esconde o real das coisas a que me assomo:
Longínquas, intangíveis,
Ruínas de casas de um povo esquecido à força
Pelas exuberâncias dos verdes de onde vim.
(...)
(Há uma porta estreita por onde, um dia, todos havemos de passar.)
Entre tanto vivo azul,
Onda de naufrágio,
Esfumado que dissipa ou drama,
Fumo de escape numa manhã de trânsito,
Corte que me invade o corpo que me substitui.

Há uma hora assim:
Sol-em-pó, rosa;
Que me diz cá;
Que me diz dentro, flor da pele daqui;
(...)
Num tom de rosa, um chão de terra que é terra,
Apanhado fora de mim:
De terra que é terra, reconvexo;
Da terra que é terra, por dentro,
Por isso, por quês por que eu,
Anátema.
Maravilho-me de que tudo tão depressa cambie a luz nisto.

Há uma hora assim:
Sol-em-pó, rosa;
Que me diz cá;
Que me diz dentro, flor da pele daqui;
(...)
Num tom de rosa, um chão de terra que é terra,
Apanhado fora de mim:
De terra que é terra, reconvexo;
Da terra que é terra, por dentro,
Por isso, por quês por que eu,
Anátema.
Maravilho-me de que tudo tão depressa cambie a luz nisto.

Aqui (meu Deus louco que palavra)
Sou requebro do gesto
Entre os dedos duma cidade antiga,
Bethânia.
Levanta-te, porque estás prostrado assim sobre o teu rosto?
Pele de Sol, olhos de Lua;
Sempre soube, incrédulo, que era aqui;
Que tudo se cumpria;
Que tudo, juro, promessa;
Que guardava há muito o tesouro de Acã,
Uma espada de ouro e o seu corte.

Aqui (meu Deus louco que palavra)
Sou requebro do gesto
Entre os dedos duma cidade antiga,
Bethânia.
Levanta-te, porque estás prostrado assim sobre o teu rosto?
Pele de Sol, olhos de Lua;
Sempre soube, incrédulo, que era aqui;
Que tudo se cumpria;
Que tudo, juro, promessa;
Que guardava há muito o tesouro de Acã,
Uma espada de ouro e o seu corte.

Sou a chuva em estrondo,
O como se dissipa o rasto do avião
Que abre o céu desta cidade em dois
(De mim).

Sou a chuva em estrondo,
O como se dissipa o rasto do avião
Que abre o céu desta cidade em dois
(De mim).

Apanho-me nu na tinta da caneta que gela
E castiga a folha;
Sei dizer-me por linhas;
Até o escuro sei dizê-lo brilho.
Mas apanho-me nu nos encontros que estas ruas fazem,
Desenhos antigos, modernos:
“Fico meio, é.”
“Meio” como em entre, como em eu.
“Meio” como em folha, verde-prata, desta árvore-atlântica.
“É” esta rua que desce até lugar nenhum.
“É” a criança que pára com o puxão de cabelo
Que a sua própria mãe lhe oferece para vestir o casaco.
São os cães pequenamente ridículos passeados à trela.
“É” o fumo dos cigarros dos bêbados.
“É” a amaciada cor do escravo num corpo, como o meu,
Que inala o queimado do cigarro de palha ao meu lado.
É isto que bebo coado deste copo,
Natu nobilis,
Até quando eu quiser falar.

Apanho-me nu na tinta da caneta que gela
E castiga a folha;
Sei dizer-me por linhas;
Até o escuro sei dizê-lo brilho.
Mas apanho-me nu nos encontros que estas ruas fazem,
Desenhos antigos, modernos:
“Fico meio, é.”
“Meio” como em entre, como em eu.
“Meio” como em folha, verde-prata, desta árvore-atlântica.
“É” esta rua que desce até lugar nenhum.
“É” a criança que pára com o puxão de cabelo
Que a sua própria mãe lhe oferece para vestir o casaco.
São os cães pequenamente ridículos passeados à trela.
“É” o fumo dos cigarros dos bêbados.
“É” a amaciada cor do escravo num corpo, como o meu,
Que inala o queimado do cigarro de palha ao meu lado.
É isto que bebo coado deste copo,
Natu nobilis,
Até quando eu quiser falar.

Desdobro-te como a um papel antigo,
Calado e escuro,
Resguardado do ar da asa do sabiá;
Memória futura num azul heliográfico
Quase lilás que diz:
Mais o vinco que as fachadas,
Mais a folha da guarda que a galeria,
A garoa que a nuvem que é este céu recortado por casas,
Mais eu em tudo quanto toco
Que horizonte nestas pessoas que passam.

Desdobro-te como a um papel antigo,
Calado e escuro,
Resguardado do ar da asa do sabiá;
Memória futura num azul heliográfico
Quase lilás que diz:
Mais o vinco que as fachadas,
Mais a folha da guarda que a galeria,
A garoa que a nuvem que é este céu recortado por casas,
Mais eu em tudo quanto toco
Que horizonte nestas pessoas que passam.

Quando eles criam asa
Não querem rosto
Que os olhe como a nós um dia.

Quando eles criam asa
Não querem rosto
Que os olhe como a nós um dia.

És comigo pleno em certo.
Eu longe, aqui mesmo:
Sol-posto eterno fosse azul e terra
O inconclusivo e nada.

És comigo pleno em certo.
Eu longe, aqui mesmo:
Sol-posto eterno fosse azul e terra
O inconclusivo e nada.

Dou por mim oculto,
Cidade areia da praia, segredo de Deus.
Mar praia injusto,
Morro céu ilha.
Dedo que toca,
Castanheiro,
Coração de negro,
Cúpula apoplexia verde,
Epitacto da palavra que se não diz.

Dou por mim oculto,
Cidade areia da praia, segredo de Deus.
Mar praia injusto,
Morro céu ilha.
Dedo que toca,
Castanheiro,
Coração de negro,
Cúpula apoplexia verde,
Epitacto da palavra que se não diz.

Frente da frente da cidade:
Lua, estrela, baía-que-larga que é mar,
Que é o teu corpo de dentro que sou eu,
Que é a minha pele moura de encontro
Ao gume que rasga a carne.

Frente da frente da cidade:
Lua, estrela, baía-que-larga que é mar,
Que é o teu corpo de dentro que sou eu,
Que é a minha pele moura de encontro
Ao gume que rasga a carne.

Marginal à linha em que a terra diz basta.
Inconfesso, impar plano;
Escapulário de Lua e Estrela,
O meu cabelo apanhado.

Marginal à linha em que a terra diz basta.
Inconfesso, impar plano;
Escapulário de Lua e Estrela,
O meu cabelo apanhado.

Marginal à linha inconfesso, impar.
Escapulário, o meu cá em que a terra diz basta.
Plano, de Lua e Estrela,
Belo,
Apanhado.

Marginal à linha inconfesso, impar.
Escapulário, o meu cá em que a terra diz basta.
Plano, de Lua e Estrela,
Belo,
Apanhado.

Vivo rua, perplexo, sem sentido:
Filamento que pulsa incandescente,
Rizoma que chupa sombra ao centro da terra,
Artéria em choque
Para ser comigo sangue,
Luz ou gelo num copo.
Vivo rua,
Vivo ritmo, panta rei.
Cunhal, calçada, néon.
Praia, esquecido, tudo.
Vivo impacto de estrelas numa galáxia perto,
Automática,
Sabida por corpos de ninguém e
Príncipes a quem até deserdaram a própria alma.
Vivo rua,
Vivo rua de nada que é mesmo nada
Que é mão nua a tocar-me o peito.

Vivo rua, perplexo, sem sentido:
Filamento que pulsa incandescente,
Rizoma que chupa sombra ao centro da terra,
Artéria em choque
Para ser comigo sangue,
Luz ou gelo num copo.
Vivo rua,
Vivo ritmo, panta rei.
Cunhal, calçada, néon.
Praia, esquecido, tudo.
Vivo impacto de estrelas numa galáxia perto,
Automática,
Sabida por corpos de ninguém e
Príncipes a quem até deserdaram a própria alma.
Vivo rua,
Vivo rua de nada que é mesmo nada
Que é mão nua a tocar-me o peito.

Esta cidade é um equívoco
Porque há uma árvore que cresce estúpida aqui.

Esta cidade é um equívoco
Porque há uma árvore que cresce estúpida aqui.

Genuíno
Como o céu é tecto deste claustro.

Genuíno
Como o céu é tecto deste claustro.

É líquido o meu corpo.
Da extrema da minha herdade
À flor da minha pele,
Sei que sou enquanto qualquer entre-chãos através,
Linha recta numa carta antiga sem escala.

É líquido o meu corpo.
Da extrema da minha herdade
À flor da minha pele,
Sei que sou enquanto qualquer entre-chãos através,
Linha recta numa carta antiga sem escala.

Dou por mim entre
Comigo e Sol posto.
Entre as escamas do dorso de um animal que voa
Entre as páginas de um livro pintado a ouro
Com sete asas,
Assimétrico,
Branco-chá de flor de rosa entreaberto,
Raiz do tempo a minha memória.

Dou por mim entre
Comigo e Sol posto.
Entre as escamas do dorso de um animal que voa
Entre as páginas de um livro pintado a ouro
Com sete asas,
Assimétrico,
Branco-chá de flor de rosa entreaberto,
Raiz do tempo a minha memória.

Digo-me como se dizem entre
As folhas daquela árvore comigo à chuva.
Entre o que castiga a pele
E o suplício que o dia-depois inflige,
Entre o que os olhos vêem
E a rigidez da vossa realidade,
Entre o entre o meu cabelo
E o entre os dedos da minha mão:
Quase-nada,
Quase-eu por um fio
Que me dissesse a corpo inteiro sobre o branco num desenho
Ou recortado a letras num poema,
Entre qualquer-coisa e outra qualquer-coisa
Que não isto ou aquilo.
Só, entre mim comigo,
Entre o Verbo que julga
E o meu dentro que diz mundo.

Digo-me como se dizem entre
As folhas daquela árvore comigo à chuva.
Entre o que castiga a pele
E o suplício que o dia-depois inflige,
Entre o que os olhos vêem
E a rigidez da vossa realidade,
Entre o entre o meu cabelo
E o entre os dedos da minha mão:
Quase-nada,
Quase-eu por um fio
Que me dissesse a corpo inteiro sobre o branco num desenho
Ou recortado a letras num poema,
Entre qualquer-coisa e outra qualquer-coisa
Que não isto ou aquilo.
Só, entre mim comigo,
Entre o Verbo que julga
E o meu dentro que diz mundo.

O meu corpo acaba no que seca
A tinta sobre o branco impresso entregue ao mundo.
O meu corpo morre sempre que digo não,
No que as palavras não dizem,
No que seca a terra.
Habito-me como a semente dorme à espera,
No que ela jura:
Cúpula frondosa, sombra, algo de mim.
Sobre o branco impresso sou pedra lavrada,
Em finos relevos,
Que fecha a minha natureza e a minha história
Num arco que diz de mim círculo ou volta imperfeita.

O meu corpo acaba no que seca
A tinta sobre o branco impresso entregue ao mundo.
O meu corpo morre sempre que digo não,
No que as palavras não dizem,
No que seca a terra.
Habito-me como a semente dorme à espera,
No que ela jura:
Cúpula frondosa, sombra, algo de mim.
Sobre o branco impresso sou pedra lavrada,
Em finos relevos,
Que fecha a minha natureza e a minha história
Num arco que diz de mim círculo ou volta imperfeita.

Foi com a minha língua
Que essa terra foi dita brasa
Que o sal acabou em praia.
(...)
Basta que me baste a palavra que que diz segredo,
Reconvexo, pelo amor de Deus isso.
Foi com um golpe na minha língua
Que eu me disse teu.

Foi com a minha língua
Que essa terra foi dita brasa
Que o sal acabou em praia.
(...)
Basta que me baste a palavra que que diz segredo,
Reconvexo, pelo amor de Deus isso.
Foi com um golpe na minha língua
Que eu me disse teu.

Que o mundo era assim, eu sabia-o:
Apócrifo.
Não sabia, porém, que lá de onde, mas tão perto,
Eu era assim:
Argumento, léxico, fala.
(...)
Diz que me tens sem saber porquê:
Agora.

Que o mundo era assim, eu sabia-o:
Apócrifo.
Não sabia, porém, que lá de onde, mas tão perto,
Eu era assim:
Argumento, léxico, fala.
(...)
Diz que me tens sem saber porquê:
Agora.

Um dia há-de haver mais que esse perto, eu:
Triste pétala que destinge
Na ferrugem que a faz branca,
À altura da tua mão no teu jardim.
Um dia, um dia um dia,
O aro da Lua há-de ser nosso.

Um dia há-de haver mais que esse perto, eu:
Triste pétala que destinge
Na ferrugem que a faz branca,
À altura da tua mão no teu jardim.
Um dia, um dia um dia,
O aro da Lua há-de ser nosso.

Fui vidro que dá à praia,
Ritmo ou onda da loucura ao negro.
Fui linha para dizer uivo de lado,
Do lado de cá da janela.
Fui outro na barriga da minha mãe.
Canto de tágide,
Ungido por penas e prata de Lua a negro
E prata de Lua
Sob o olhar vazado das estátuas.
Fui cera,
Palavra a sair entre os dentes da tua boca,
Astronauta do teu sonho,
Brilho molhado (quieto).

Fui vidro que dá à praia,
Ritmo ou onda da loucura ao negro.
Fui linha para dizer uivo de lado,
Do lado de cá da janela.
Fui outro na barriga da minha mãe.
Canto de tágide,
Ungido por penas e prata de Lua a negro
E prata de Lua
Sob o olhar vazado das estátuas.
Fui cera,
Palavra a sair entre os dentes da tua boca,
Astronauta do teu sonho,
Brilho molhado (quieto).

És tu quem me dás,
Do gesto largo ao segundo,
Ao solfejo da maré:
Língua de praia,
Corpo moreno que me toma o pulso nas tēmporas.
(...)
do vento à asa, quem me diz sentido.
Quem faz do informe palavra,
Da raiz ao estame.
(...)
Do gesto largo ao segundo,
Destilam perfumes de várias cores sempre azuis.

És tu quem me dás,
Do gesto largo ao segundo,
Ao solfejo da maré:
Língua de praia,
Corpo moreno que me toma o pulso nas tēmporas.
(...)
do vento à asa, quem me diz sentido.
Quem faz do informe palavra,
Da raiz ao estame.
(...)
Do gesto largo ao segundo,
Destilam perfumes de várias cores sempre azuis.

Fixo-me em verdes amagentados
Nas veias da folha que quer cair
Num cair pleno daquela árvore em mesmo.
Tão fácil,
Tão de há mil anos assim,
Estou:
Rigor de Inverno,
Luz ou Lua,
Inaudível tom.
Sempre me soube, acaso.
Sempre me disseram as palavras
Com que nunca me quis dizer:
Eu.
(...)
Eu, entre.
Eu-mesmo.
Eu espuma de outra onda
Que tu me dás à praia.

Fixo-me em verdes amagentados
Nas veias da folha que quer cair
Num cair pleno daquela árvore em mesmo.
Tão fácil,
Tão de há mil anos assim,
Estou:
Rigor de Inverno,
Luz ou Lua,
Inaudível tom.
Sempre me soube, acaso.
Sempre me disseram as palavras
Com que nunca me quis dizer:
Eu.
(...)
Eu, entre.
Eu-mesmo.
Eu espuma de outra onda
Que tu me dás à praia.

Vem, que do azul ao negro não há medo,
Que o branco estica sem saber por onde
Não há mais nada senão um azul eléctrico
(entre as ombreiras e a verga desta porta).

Vem, que do azul ao negro não há medo,
Que o branco estica sem saber por onde
Não há mais nada senão um azul eléctrico
(entre as ombreiras e a verga desta porta).

Respiro sob um céu convexo
Finas transparências de mim de vidro.
Esfumadas, perdidas, apropriadas coisas,
Longes distantes, cicatrizes ou a minha história.
Fumo em lamelas o meu peito,
Recorto caligraficamente a minha memória
(Letras todas me dissessem eu, ou.)
convexo, concavo, reconvexo
Desde o meu esterno entre as minhas costelas;
Ou, cavername à deriva que arde
Puxado por uma corrente sem elos
De água e sal até ti.

Respiro sob um céu convexo
Finas transparências de mim de vidro.
Esfumadas, perdidas, apropriadas coisas,
Longes distantes, cicatrizes ou a minha história.
Fumo em lamelas o meu peito,
Recorto caligraficamente a minha memória
(Letras todas me dissessem eu, ou.)
convexo, concavo, reconvexo
Desde o meu esterno entre as minhas costelas;
Ou, cavername à deriva que arde
Puxado por uma corrente sem elos
De água e sal até ti.

Falta-me uma palavra que me diga assim.
Para me dizer entregue ou azul de fogo,
Para me dizer folha que é árvore,
Falta-me quem me diga com uma só palavra (:meu?)

Falta-me uma palavra que me diga assim.
Para me dizer entregue ou azul de fogo,
Para me dizer folha que é árvore,
Falta-me quem me diga com uma só palavra (:meu?)

Há-de haver uma luz pequenina que pisque
No céu do vosso jardim,
Que corte pelo meio os ciprestes,
Que vos dê conta de mim.
Nesse dia estarei tão longe
Mas de tão longe perto,
Da água à cor daqueles montes, verdes,
Da palha, daquele dia.
Hoje é o dia em que o meu pescoço perdeu a força
Para suster a cabeça ao alto.
Hoje é o dia em que troquei o horizonte pela terra,
Minha irmã.
O pó é pó e a carne carne.
O sangue é veia que faz minha a minha dor:
A vida se a corto em tons de pétala.
A carne é carne do mundo e o mundo é teu.
A um tiro de pedra choro contigo
As tuas lágrimas
Porque hoje é o dia em que me troquei pelo futuro.

Há-de haver uma luz pequenina que pisque
No céu do vosso jardim,
Que corte pelo meio os ciprestes,
Que vos dê conta de mim.
Nesse dia estarei tão longe
Mas de tão longe perto,
Da água à cor daqueles montes, verdes,
Da palha, daquele dia.
Hoje é o dia em que o meu pescoço perdeu a força
Para suster a cabeça ao alto.
Hoje é o dia em que troquei o horizonte pela terra,
Minha irmã.
O pó é pó e a carne carne.
O sangue é veia que faz minha a minha dor:
A vida se a corto em tons de pétala.
A carne é carne do mundo e o mundo é teu.
A um tiro de pedra choro contigo
As tuas lágrimas
Porque hoje é o dia em que me troquei pelo futuro.

Como a espera
Como com a garganta de quem engole palavras
As diz de fora para dentro
Como pontas ensanguentadas de espinhos
Como flores que abrem em triângulos dois a dois
Em esquinas de rua à noite,
Líquidas,
Inexpugnáveis como a minha memória.
Digo que sou isto e não o outro
Que não sou aquilo mas eu que falece helicoidal:
Muralha, gigante;
Fundo de lago, incorpóreo ou pele;
Pátio de brecha, príncipe-de-sangue;
Porta encantada ou ogiva;
É de taipa e cinza sobre uma nuvem
O meu castelo.

Como a espera
Como com a garganta de quem engole palavras
As diz de fora para dentro
Como pontas ensanguentadas de espinhos
Como flores que abrem em triângulos dois a dois
Em esquinas de rua à noite,
Líquidas,
Inexpugnáveis como a minha memória.
Digo que sou isto e não o outro
Que não sou aquilo mas eu que falece helicoidal:
Muralha, gigante;
Fundo de lago, incorpóreo ou pele;
Pátio de brecha, príncipe-de-sangue;
Porta encantada ou ogiva;
É de taipa e cinza sobre uma nuvem
O meu castelo.

Vejo-me ponto do alto da barra
Que acaba a frase que começa o desenho
Que diz o princípio culpa,
A flor morta
E a rua desejo,
O tempo o tempo do trajecto da sombra
Da folha que cai para se ser lama.
A rua tu.

Vejo-me ponto do alto da barra
Que acaba a frase que começa o desenho
Que diz o princípio culpa,
A flor morta
E a rua desejo,
O tempo o tempo do trajecto da sombra
Da folha que cai para se ser lama.
A rua tu.

Recuso a certeza do átomo,
O acordo prévio entre as palavras.
Nada me diz óbvio, nunca ou ninguém,
Como não toco com moléculas a pele do que toco:
Ou o que diz de mim o que diz o poro.
O teorema e o seu gume,
A verdade e o um provam-me incompleto
Sem que lhes saiba antes a mar e escuro negro de poço o meu sangue.
Desço, por isso, e ascendo em parábolas.
Gravito adjectivo em torno de um eixo:
Inclinado, superlativo, espiral.
(Há folhas azuis num bosque.)
serviram-me um mundo-pronto
Numa salva perlada de prata antiga
Para viver do tacto
Assim que as pálpebras me desencerraram os olhos.

Recuso a certeza do átomo,
O acordo prévio entre as palavras.
Nada me diz óbvio, nunca ou ninguém,
Como não toco com moléculas a pele do que toco:
Ou o que diz de mim o que diz o poro.
O teorema e o seu gume,
A verdade e o um provam-me incompleto
Sem que lhes saiba antes a mar e escuro negro de poço o meu sangue.
Desço, por isso, e ascendo em parábolas.
Gravito adjectivo em torno de um eixo:
Inclinado, superlativo, espiral.
(Há folhas azuis num bosque.)
serviram-me um mundo-pronto
Numa salva perlada de prata antiga
Para viver do tacto
Assim que as pálpebras me desencerraram os olhos.

Sou a chuva inclinada em trama
Para ser de brilho pequenas esferas
Nos capots dos automóveis:
Negra de pedras, morna, tracejada a branco a meio, rua.
Voltarão para ser ninho um dia longe
Os pássaros que a minha espera guarda.
Dissolvo-me nessa cenografia aquosa
Como uma cor que não tinge,
Anónimo.

Sou a chuva inclinada em trama
Para ser de brilho pequenas esferas
Nos capots dos automóveis:
Negra de pedras, morna, tracejada a branco a meio, rua.
Voltarão para ser ninho um dia longe
Os pássaros que a minha espera guarda.
Dissolvo-me nessa cenografia aquosa
Como uma cor que não tinge,
Anónimo.

Traz-me a água uma areia funda,
Eu: eu de ti.
Fala: fá-la fria porque a sei infecunda;
Fá-la estrela de sal, fala de ti:
Diz-me-te frio, feixe de palha, baía
Um da da primeira página
De um livro que não li,
Onda convexa, primeira página,
Tu de mim e eu de ti.

Traz-me a água uma areia funda,
Eu: eu de ti.
Fala: fá-la fria porque a sei infecunda;
Fá-la estrela de sal, fala de ti:
Diz-me-te frio, feixe de palha, baía
Um da da primeira página
De um livro que não li,
Onda convexa, primeira página,
Tu de mim e eu de ti.

A pele diz,
Acaso a pele diz enquanto a língua dobra entre saliva:
Que falta gesto à palavra
E o pescoço vira,
Que há tacto entre os teus dedos;
A pele diz extremo o corpo,
A extrema da minha herdade.
A pele diz um excesso,
O depois do antes,
A paralisia do salto,
O não de quem canta preciso.
Não ou tudo.

A pele diz,
Acaso a pele diz enquanto a língua dobra entre saliva:
Que falta gesto à palavra
E o pescoço vira,
Que há tacto entre os teus dedos;
A pele diz extremo o corpo,
A extrema da minha herdade.
A pele diz um excesso,
O depois do antes,
A paralisia do salto,
O não de quem canta preciso.
Não ou tudo.

Vivo de palavras que me estrangulam
Para ouvir o bater do meu sangue
Como contra o ar a vela.
Sou só por isso o melhor desenho de mim.

Vivo de palavras que me estrangulam
Para ouvir o bater do meu sangue
Como contra o ar a vela.
Sou só por isso o melhor desenho de mim.

Sou o rasto decrescente do som esfumado
Do automóvel que passa sem sabre para onde.
Sou o que soa,
Sempre soube,
À toada a mortos a bronze aos meus ouvidos quando criança.
Sou incógnito a quem se assoma sob os tímpanos
Destas janelas destas casas diferentes das outras.
Estou entre os dois traços da escala
Que mede a coincidência do meu corpo com o teu.
Sou o milímetro de segundo que não é restolho nem palha.

Sou o rasto decrescente do som esfumado
Do automóvel que passa sem sabre para onde.
Sou o que soa,
Sempre soube,
À toada a mortos a bronze aos meus ouvidos quando criança.
Sou incógnito a quem se assoma sob os tímpanos
Destas janelas destas casas diferentes das outras.
Estou entre os dois traços da escala
Que mede a coincidência do meu corpo com o teu.
Sou o milímetro de segundo que não é restolho nem palha.

Corto-me como a uma árvore,
Até achar seiva
Para fazer líquidas as coisas que vejo num desenho.
Só a sangue posso dizer essas coisas:
O som dos ramos das faias da minha rua como floretes;
As flores aquáticas a aguarela no quarto da casa que me fez;
Os meus lábios nem secos nem húmidos, entreabertos;
A água a evaporar tão lentamente a cinza no meu pátio de criança;
A textura do ar no meu cabelo;
O meu próprio corpo que me defende do mundo
Invadido por um canivete eléctrico;
O cheiro da minha carne queimada;
As estrelas-do-Egipto.

Corto-me como a uma árvore,
Até achar seiva
Para fazer líquidas as coisas que vejo num desenho.
Só a sangue posso dizer essas coisas:
O som dos ramos das faias da minha rua como floretes;
As flores aquáticas a aguarela no quarto da casa que me fez;
Os meus lábios nem secos nem húmidos, entreabertos;
A água a evaporar tão lentamente a cinza no meu pátio de criança;
A textura do ar no meu cabelo;
O meu próprio corpo que me defende do mundo
Invadido por um canivete eléctrico;
O cheiro da minha carne queimada;
As estrelas-do-Egipto.

Sou uma casa que conheci:
Nu, alto, arriba de ravinas e cactos.
Sou o cheiro da relva cortada de fresco
Na manhã de um dia que me prometia a pele,
A rocha que mil anos de mar fiseram areia
De uma praia que a maré fazia minha.
O som inoxidável dos meus passos entre empenas de eco,
Tão brancas.
Tão verde o verde da mesa de crapot,
As tua mão que fumava cigarros sem filtro,
A manteiga que derretia sem sal a olhos vistos
Numa torrada cortada ao meio de pão de forma
E a felicidade que o teu luto desmentia.
Morremos todos nessa casa,
Mas fomos uns com os outros
O mate dos cobres por cima da nossa lareira
No Novembro daquele ano
Depois do Verão na parede rachada a cal e fumo,
Fomos cúmplices a rosa-escuro nos braços de buganvílias
Que faziam depois um jardim do nosso jantar
De arroz de berbigão
E crepes de chocolate.
Sempre que digo o meu nome sou isso.

Sou uma casa que conheci:
Nu, alto, arriba de ravinas e cactos.
Sou o cheiro da relva cortada de fresco
Na manhã de um dia que me prometia a pele,
A rocha que mil anos de mar fiseram areia
De uma praia que a maré fazia minha.
O som inoxidável dos meus passos entre empenas de eco,
Tão brancas.
Tão verde o verde da mesa de crapot,
As tua mão que fumava cigarros sem filtro,
A manteiga que derretia sem sal a olhos vistos
Numa torrada cortada ao meio de pão de forma
E a felicidade que o teu luto desmentia.
Morremos todos nessa casa,
Mas fomos uns com os outros
O mate dos cobres por cima da nossa lareira
No Novembro daquele ano
Depois do Verão na parede rachada a cal e fumo,
Fomos cúmplices a rosa-escuro nos braços de buganvílias
Que faziam depois um jardim do nosso jantar
De arroz de berbigão
E crepes de chocolate.
Sempre que digo o meu nome sou isso.

Gostava de saber uma palavra que dissesse
A linha no chão que as casas fazem até serem rua;
Que dissesse aquilo que a cinza
Que as árvores que eu vi pegar tão pequeninas
Em despiste dizem:
Eu, não chega;
Tu, um dia.
Queria ouvir-me dito por uma outra sílaba
Lida por ti
De um esgrafito arranhado numa pedra branda
Num templo em ruína
Longe daqui, aqui mesmo,
Onde um deus menor nunca deixou de morar.
Uma palavra que dissesse um mar de água,
O que se vê de uma janela de um palácio sem grades
Entre as casas que fazem a rua da minha fantasia e do meu medo.

Gostava de saber uma palavra que dissesse
A linha no chão que as casas fazem até serem rua;
Que dissesse aquilo que a cinza
Que as árvores que eu vi pegar tão pequeninas
Em despiste dizem:
Eu, não chega;
Tu, um dia.
Queria ouvir-me dito por uma outra sílaba
Lida por ti
De um esgrafito arranhado numa pedra branda
Num templo em ruína
Longe daqui, aqui mesmo,
Onde um deus menor nunca deixou de morar.
Uma palavra que dissesse um mar de água,
O que se vê de uma janela de um palácio sem grades
Entre as casas que fazem a rua da minha fantasia e do meu medo.

Digo nada quando digo eu
Como eu dizes tu quando te dizes.
Ainda assim
Areia até ser rosa-do-deserto;
Sangue e plasma até ser tronco;
Cal, parede;
Lilás azul, flor;
Inocente até ser homem;
Pão até ser corpo;
Asa, vôo;
Nada, nada;
Veludo até ser pétala;
Pétala até ser pele;
Medida, escala;
Raiz, céu.
Digo nada, digo eu.

Digo nada quando digo eu
Como eu dizes tu quando te dizes.
Ainda assim
Areia até ser rosa-do-deserto;
Sangue e plasma até ser tronco;
Cal, parede;
Lilás azul, flor;
Inocente até ser homem;
Pão até ser corpo;
Asa, vôo;
Nada, nada;
Veludo até ser pétala;
Pétala até ser pele;
Medida, escala;
Raiz, céu.
Digo nada, digo eu.

Desenho assim

Como a terra satura até a chuva ser poça e o tempo demora,
E a sesta à hora da calma,
Como quando.

(...)

Desenho assim porque dou a minha mão ao mundo

Para que ele me diga, em reflexo, vírgula ou corpo inteiro.

A tinta ou a carvão como quando

O perder de vista se diz linha

E recta o espasmo da curva.

Desenho assim a corda do arco

Para depois uma ponta de seta

Matar um anjo em pleno vôo.

Desenho assim

Como a terra satura até a chuva ser poça e o tempo demora,
E a sesta à hora da calma,
Como quando.

(...)

Desenho assim porque dou a minha mão ao mundo

Para que ele me diga, em reflexo, vírgula ou corpo inteiro.

A tinta ou a carvão como quando

O perder de vista se diz linha

E recta o espasmo da curva.

Desenho assim a corda do arco

Para depois uma ponta de seta

Matar um anjo em pleno vôo.

Um deus maior deu-me a sorte
De dizer o mundo como o mundo se vê.
Digo-o índigo
A aura sangue a azul.
Soprou um dia um deus maior nas minhas narinas
Uma linha saída de nada.
Um deus maior deu-me a sorte
De ver tudo do outro lado
(como tu, sem saberes, não queres que o veja):
O horizonte, eu;
A terra, molhada;
A ponta da minha mão direita,
Já assim a dizer-te o mundo a água.

Um deus maior deu-me a sorte
De dizer o mundo como o mundo se vê.
Digo-o índigo
A aura sangue a azul.
Soprou um dia um deus maior nas minhas narinas
Uma linha saída de nada.
Um deus maior deu-me a sorte
De ver tudo do outro lado
(como tu, sem saberes, não queres que o veja):
O horizonte, eu;
A terra, molhada;
A ponta da minha mão direita,
Já assim a dizer-te o mundo a água.

Esperei anos num segundo
Para dizer a água no chão
A flor do quente do teu abraço.
(...)
Puseram grades:
Nas janelas de uma casa em ruína,
Na minha pele por sentir tanto,
Naquilo que via evaporar-se
Sem que lhe desse sentido.
Puseram grades.
(A animais que não há cá,
A flores que cheiram a deserto,
A estrelas que brilham ao meio-dia,
Puseram grades.)
No poial das quartas,
Puseram grades na lâmpada de 100 W
Que aquecia os ovos do ninho que eu achei
Nos pés da árvore que cria
(de chapim, talvez, não sei, que partiste),
Nos ossos do açúcar amarelo
(...)
Um dia a ver:
O céu que nasce no recorte de uma folha de papel
Numa telha de vidro num quarto sem janelas,
Isso hoje ou pássaro que volta
Para partir a quilha no vidro transparente.

Esperei anos num segundo
Para dizer a água no chão
A flor do quente do teu abraço.
(...)
Puseram grades:
Nas janelas de uma casa em ruína,
Na minha pele por sentir tanto,
Naquilo que via evaporar-se
Sem que lhe desse sentido.
Puseram grades.
(A animais que não há cá,
A flores que cheiram a deserto,
A estrelas que brilham ao meio-dia,
Puseram grades.)
No poial das quartas,
Puseram grades na lâmpada de 100 W
Que aquecia os ovos do ninho que eu achei
Nos pés da árvore que cria
(de chapim, talvez, não sei, que partiste),
Nos ossos do açúcar amarelo
(...)
Um dia a ver:
O céu que nasce no recorte de uma folha de papel
Numa telha de vidro num quarto sem janelas,
Isso hoje ou pássaro que volta
Para partir a quilha no vidro transparente.

Com água desenhava com linhas e manchas
Pássaros, casas, paisagens,
Uma criança com um pincel na mão.

Com água desenhava com linhas e manchas
Pássaros, casas, paisagens,
Uma criança com um pincel na mão.

Fui o que fui
(com o céu em carne)
Enquanto adormecia o trigo até ser pão:
Bago,
Silêncio e chuva,
Piar de tordo,
Restolho e serra de palha.
Fui do mundo inteiro um quadrado de chão,
Da cal que ferve ao que embala o andor,
O bronze que toca a mortos na noite do dia da festa.

Fui o que fui
(com o céu em carne)
Enquanto adormecia o trigo até ser pão:
Bago,
Silêncio e chuva,
Piar de tordo,
Restolho e serra de palha.
Fui do mundo inteiro um quadrado de chão,
Da cal que ferve ao que embala o andor,
O bronze que toca a mortos na noite do dia da festa.

Ao tempo demora,
Sombra à árvore,
Luz à noite sonho.
Chamo aos meus olhos espanto,
Vértice ao Alto,
Nada ao que não senti.

Ao tempo demora,
Sombra à árvore,
Luz à noite sonho.
Chamo aos meus olhos espanto,
Vértice ao Alto,
Nada ao que não senti.

Doém nestas pedras os meus passos
Enquanto a rua se fecha em arestas de casas .
(...)

Do perfume à garganta de uma flor
Apertam fachadas como pétalas
Até, devorado o meu corpo,
Ser o ar que tu expiras.

(...)
Um dia hei-de inventar uma nova cor
Para o negro ou qualquer coisa próxima de um sorriso.
Com uma palavra direi mundo,
Com uma linha da palma da mão serei salto.

Doém nestas pedras os meus passos
Enquanto a rua se fecha em arestas de casas .
(...)

Do perfume à garganta de uma flor
Apertam fachadas como pétalas
Até, devorado o meu corpo,
Ser o ar que tu expiras.

(...)
Um dia hei-de inventar uma nova cor
Para o negro ou qualquer coisa próxima de um sorriso.
Com uma palavra direi mundo,
Com uma linha da palma da mão serei salto.

Não morra a vida antes de mim
Para a poder dizer numa palavra.

Não morra a vida antes de mim
Para a poder dizer numa palavra.

Largo-me até à vertigem que esfolia
Até ver a luz que os vidros imaginam
Em arabescos de teia na parede,
Àquilo de que a cicatriz fala.
Largo-me a ver por detrás dos olhos:
Os gestos das estátuas que esperam,
O silêncio do pó que o fim da tarde destila até ser ouro,
O desgosto da criança porque cresce,
O sopro do princípio do mundo ao fim de mim.

Largo-me até à vertigem que esfolia
Até ver a luz que os vidros imaginam
Em arabescos de teia na parede,
Àquilo de que a cicatriz fala.
Largo-me a ver por detrás dos olhos:
Os gestos das estátuas que esperam,
O silêncio do pó que o fim da tarde destila até ser ouro,
O desgosto da criança porque cresce,
O sopro do princípio do mundo ao fim de mim.

Largo-me a ver por detrás dos olhos
O que as palavras não consentem nem os desenhos dizem:
O cinza que oculta a brasa,
A espuma oxigenada das feridas,
Os pássaros que morriam em rajada
Em vermelhos escorridos vivos daquele alpendre.
Apanhava-os em esperança,
Com o pescoço a essa hora já partido,
Sem saber que aquelas penas eram as minhas.

Largo-me a ver por detrás dos olhos
O que as palavras não consentem nem os desenhos dizem:
O cinza que oculta a brasa,
A espuma oxigenada das feridas,
Os pássaros que morriam em rajada
Em vermelhos escorridos vivos daquele alpendre.
Apanhava-os em esperança,
Com o pescoço a essa hora já partido,
Sem saber que aquelas penas eram as minhas.

Sei de mim ao milímetro
Porque troquei a alma por um pássaro
E voo no seu voo
E plano a ver como uma linha curva até o chão ser mapa
(e voo no seu voo)
Até a fuga não querer ser ponto, o ácido queimar,
A água beber a minha sede,
A vida assim.
(E voo e voo no seu voo)
Até o longe não querer ser perto,
A luz cor,
O movimento contínuo,
Os bichos da terra devorar a minha carne,
O vazio encontro,
O que falta nada.
(Voo, porque voo no seu voo)
Até a voz não querer falar,
A palavra dizer,
A seara restolho,
O voo vento.
(Voo.)
(E voo.)
(E voo.)

Sei de mim ao milímetro
Porque troquei a alma por um pássaro
E voo no seu voo
E plano a ver como uma linha curva até o chão ser mapa
(e voo no seu voo)
Até a fuga não querer ser ponto, o ácido queimar,
A água beber a minha sede,
A vida assim.
(E voo e voo no seu voo)
Até o longe não querer ser perto,
A luz cor,
O movimento contínuo,
Os bichos da terra devorar a minha carne,
O vazio encontro,
O que falta nada.
(Voo, porque voo no seu voo)
Até a voz não querer falar,
A palavra dizer,
A seara restolho,
O voo vento.
(Voo.)
(E voo.)
(E voo.)

Vivi a cortar a boca com palavras,
A fazer das frases cordas de arcos de Sol,
Forças para o tempo,
Anestésias.
Vivi cidades encantadas na margem de lagos de chumbo
Onde se refletem outros planetas ainda hoje.

Vivi a cortar a boca com palavras,
A fazer das frases cordas de arcos de Sol,
Forças para o tempo,
Anestésias.
Vivi cidades encantadas na margem de lagos de chumbo
Onde se refletem outros planetas ainda hoje.

Sinto por frases o que veia do centro da terra até mim:
A mão um vértice que desenha
O que resta de um castelo
A linha fina,
O quase cêra-prata deito folha de magnólia,
Os raios da cor do sangue um citrino imperial.
Sinto, com a cabeça degolada ao corpo,
A areia no que sobra entre as pedras que fazem o chão da minha rua.

Sinto por frases o que veia do centro da terra até mim:
A mão um vértice que desenha
O que resta de um castelo
A linha fina,
O quase cêra-prata deito folha de magnólia,
Os raios da cor do sangue um citrino imperial.
Sinto, com a cabeça degolada ao corpo,
A areia no que sobra entre as pedras que fazem o chão da minha rua.

Fiz-me homem entre dois palmos de lã:
Entre os teus ou os meus braços abertos,
A meada a dizer novelo;
Na linha, que corria e parava, a dizer tempo.
Desenho em memória disso:
E páro quando pára a linha;
E corro com os olhos o mundo
Até o labirinto sair da minha mão para sempre quase pronto,
Enchertado de mim com essa linha que agarra em laço
Os troncos da árvore que promete outra.
Desenho a ver-te de braços abertos:
Numa folha ou quando aponto o voo dos pássaros que voltam,
Porque sei que nisso me faço homem.

Fiz-me homem entre dois palmos de lã:
Entre os teus ou os meus braços abertos,
A meada a dizer novelo;
Na linha, que corria e parava, a dizer tempo.
Desenho em memória disso:
E páro quando pára a linha;
E corro com os olhos o mundo
Até o labirinto sair da minha mão para sempre quase pronto,
Enchertado de mim com essa linha que agarra em laço
Os troncos da árvore que promete outra.
Desenho a ver-te de braços abertos:
Numa folha ou quando aponto o voo dos pássaros que voltam,
Porque sei que nisso me faço homem.

Sou o que em segredo dá à praia
E é como se, em vez disso, a minha voz fosse um eco
De uma outra coisa que ressoa
Desde a raiz das árvores até ao ar que as palavras precisam.

Sou o que em segredo dá à praia
E é como se, em vez disso, a minha voz fosse um eco
De uma outra coisa que ressoa
Desde a raiz das árvores até ao ar que as palavras precisam.

Trocava o vagar das pedras até a areia ser areia
Pelos segundos que as horas mataram
Até o corpo doer por dentro por falta,
Até o som se soltar das palavras
Para ser cântico nas juntas que unem as pedras
Até o templo ser ruína e o azulado éter.

Trocava o vagar das pedras até a areia ser areia
Pelos segundos que as horas mataram
Até o corpo doer por dentro por falta,
Até o som se soltar das palavras
Para ser cântico nas juntas que unem as pedras
Até o templo ser ruína e o azulado éter.

Sonho esfolado por inteiro o mundo
Até em carne viva ver a pele.
O teorema,
O útil,
Ou o concreto:
Vê-los irrespiráveis numa estrada sem sentido ou direcção,
A morrer apodrecidos.
Quero o silêncio entre os gestos; e o que separa, pó.
O pronto, o predicado ou o adjectivo,
Uma letra muda numa palavra
Que as cordas que me enforcam a garganta teimam em dizer.
Sonho com o verso da pele do mundo esticado por arames ferrugentos
Sob um outro Sol.

Sonho esfolado por inteiro o mundo
Até em carne viva ver a pele.
O teorema,
O útil,
Ou o concreto:
Vê-los irrespiráveis numa estrada sem sentido ou direcção,
A morrer apodrecidos.
Quero o silêncio entre os gestos; e o que separa, pó.
O pronto, o predicado ou o adjectivo,
Uma letra muda numa palavra
Que as cordas que me enforcam a garganta teimam em dizer.
Sonho com o verso da pele do mundo esticado por arames ferrugentos
Sob um outro Sol.

Sem que seja eu inteiro que me diga numa palavra inventada,
Há-de haver um dia assim:
De luz plena de brilho que fere
O que vê paisagens dentro dos olhos,
Que dê sentido ao negro.
Sempre soube:
Uma rua que leva à praia,
Que quem desenha sente o outro mundo,
Que o instante se sustém naquilo que a mão fixa.
Uma palavra como se fôra traço
Com que se diz longe ou que me diga,
Em vez de um, dois horizontes.

Sem que seja eu inteiro que me diga numa palavra inventada,
Há-de haver um dia assim:
De luz plena de brilho que fere
O que vê paisagens dentro dos olhos,
Que dê sentido ao negro.
Sempre soube:
Uma rua que leva à praia,
Que quem desenha sente o outro mundo,
Que o instante se sustém naquilo que a mão fixa.
Uma palavra como se fôra traço
Com que se diz longe ou que me diga,
Em vez de um, dois horizontes.

Tocam-me as coisas por palavras
Que enleio quase mudas de silêncio espesso
Entre a garganta e a boca.
Dos troncos aos ramos que rasgam os verdes em copas,
Da saliva que sabe ao fundo da terra
Ao que faz o Sol quando atravessa o vidro numa parede:
Do gesto, há o grito
(o grito sem grades mas esbatido num som que lembra
Um móvel antigo que se arrasta).

Tocam-me as coisas por palavras
Que enleio quase mudas de silêncio espesso
Entre a garganta e a boca.
Dos troncos aos ramos que rasgam os verdes em copas,
Da saliva que sabe ao fundo da terra
Ao que faz o Sol quando atravessa o vidro numa parede:
Do gesto, há o grito
(o grito sem grades mas esbatido num som que lembra
Um móvel antigo que se arrasta).

Desenhei uma casa para um príncipe habitar
No fundo do fundo dos teus olhos,
Com um pátio com uma fonte ao centro,
Simples,
Sem janelas a dizer paisagem.
Da minha mão no opalino com luz por dentro,
Quatro traços, uma casa:
Com um fogão de sala
Com grifos em baixo-relevo em bronze negro de tanto o lume,
Onde o tempo não passa;
Onde o céu diz dia antes da hora
E os pássaros sem pousar matam a sede;
Onde a boca não se abre para dizer a Deus.

Desenhei uma casa para um príncipe habitar
No fundo do fundo dos teus olhos,
Com um pátio com uma fonte ao centro,
Simples,
Sem janelas a dizer paisagem.
Da minha mão no opalino com luz por dentro,
Quatro traços, uma casa:
Com um fogão de sala
Com grifos em baixo-relevo em bronze negro de tanto o lume,
Onde o tempo não passa;
Onde o céu diz dia antes da hora
E os pássaros sem pousar matam a sede;
Onde a boca não se abre para dizer a Deus.

Por mais evaporados os teus dedos,
A textura do ouro tudo quanto tocas:
Da terra molhada às penas oferecidas
Bem para lá da altura do vento,
Ouro,
Do som das palavras àquilo porque são cativas não podem dizer,
Nada,
De mim até comigo,
Das pontas das setas na aljava de um anjo
Ao céu que rasgam,
Ouro,
Do fundo do mundo ao princípio da guerra,
Da seara ao alqueire ao pão,
Tudo quanto tocas.

Por mais evaporados os teus dedos,
A textura do ouro tudo quanto tocas:
Da terra molhada às penas oferecidas
Bem para lá da altura do vento,
Ouro,
Do som das palavras àquilo porque são cativas não podem dizer,
Nada,
De mim até comigo,
Das pontas das setas na aljava de um anjo
Ao céu que rasgam,
Ouro,
Do fundo do mundo ao princípio da guerra,
Da seara ao alqueire ao pão,
Tudo quanto tocas.

Intriga-me o silêncio do gesto da mão até o que pára,
Num retrato a corpo inteiro ao tiro que mata a caça,
Com traços no branco que espera.
Por quem?
Por quê?
Abre-o, de súbito, em mundo:
Num naufrágio,
Numa casa vazia;
No que faz desse teu corpo corpo, tudo;
Uma paisagem, algo novo.
Intriga-me o encaixe do meu torso e,
De um outro lado,
Tudo o que me sustém ao alto em reflexo;
Ou o som das palavras.
(...)
O que a mão não diz, é.

Intriga-me o silêncio do gesto da mão até o que pára,
Num retrato a corpo inteiro ao tiro que mata a caça,
Com traços no branco que espera.
Por quem?
Por quê?
Abre-o, de súbito, em mundo:
Num naufrágio,
Numa casa vazia;
No que faz desse teu corpo corpo, tudo;
Uma paisagem, algo novo.
Intriga-me o encaixe do meu torso e,
De um outro lado,
Tudo o que me sustém ao alto em reflexo;
Ou o som das palavras.
(...)
O que a mão não diz, é.

Soube um rio a dizer pedras da margem
Como o que o que desvela a luz das coisas:
Vi o meu corpo aberto em carne agrafado.

Soube um rio a dizer pedras da margem
Como o que o que desvela a luz das coisas:
Vi o meu corpo aberto em carne agrafado.

Vi o meu corpo aberto em carne agrafado
E onze milímetros de mundo:
A cores, o que dói;
Ao tempo o que falta;
Num pescoço, o que vira.
(...)
Da cartilagem que une pedra a pedra
Nesta torre bem alta à raiz da minha árvore,
Há um fim esperado
(no perfume que a boca exala),
Há uma resposta ao inferno.

Vi o meu corpo aberto em carne agrafado
E onze milímetros de mundo:
A cores, o que dói;
Ao tempo o que falta;
Num pescoço, o que vira.
(...)
Da cartilagem que une pedra a pedra
Nesta torre bem alta à raiz da minha árvore,
Há um fim esperado
(no perfume que a boca exala),
Há uma resposta ao inferno.

Dou-me conta porque do mundo:
Tronco ou ausência no mar que vaza em meia-tinta.

Dou-me conta porque do mundo:
Tronco ou ausência no mar que vaza em meia-tinta.

Isolo das coisas
(como do escuro o medo),
A pele-de-espelho, eu.
Destilado, absorto, ausente, meia-tinta, verso de pedra.
(...)
Deixem-me só ser o entre as páginas
De uma das folhas de um livro
Que aguarda desesperado,
Numa prateleira simples de madeira lenhosa encabeçada a ouro,
Porque conta a história de uma casa abandonada.

Isolo das coisas
(como do escuro o medo),
A pele-de-espelho, eu.
Destilado, absorto, ausente, meia-tinta, verso de pedra.
(...)
Deixem-me só ser o entre as páginas
De uma das folhas de um livro
Que aguarda desesperado,
Numa prateleira simples de madeira lenhosa encabeçada a ouro,
Porque conta a história de uma casa abandonada.

